Campinas, março de 1991 Ano V nº 53

Vestibular revela o talento de Fernanda

Foto: Marcos Ribeiro.

Campineira, 17 anos, fã do roque pesado e leitora de Machado de Assis e Guimarães Rosa: é Fernanda Fonseca, primeira colocada entre os 35 mil vestibulandos da Unicamp em 1991. Página 6.

UNICAMP
25
ANOS
1966 - 1991

Reprodução do selo comemorativo do jubileu de prata da Unicamp.

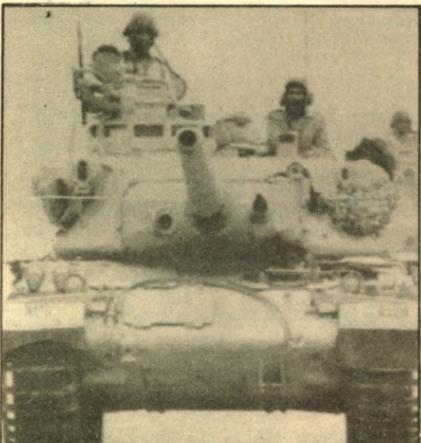
Unicamp entra no ano de seu jubileu

O ano de 1991 marcará a celebração do 25º aniversário de instalação da Universidade Estadual de Campinas. Diversas atividades comemorativas estão previstas para acontecer até a data oficial do jubileu de prata — a Unicamp teve sua pedra fundamental lançada no dia 5 de outubro de 1966, com a presença do então presidente da república Humberto de Alencar Castello Branco. Desde então, a Universidade se firmou como uma importante instituição de ensino e pesquisa, consolidou-se como um centro de difusão de idéias pluralistas e conquistou prestígio nacional e internacional. Para Carlos Vogt, quinto reitor da Universidade desde a posse de seu fundador Zeferino Vaz, "a solidez da Unicamp de hoje é uma decorrência de seu projeto orgânico, resistente e coeso". **Página 7.**

Projeto investiga futebol do futuro

Dois professores da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Ídico Pelegrinotti e Wagner Moreira, se anteciparam a todos os prognósticos da Fifa, a federação que controla o futebol mundial, e prepararam um projeto que reescreve nove das 17 principais regras desse esporte. Algumas das modificações são o tempo de jogo (60 minutos em tempo corrido), o número ilimitado de substituições, a limitação do número de infrações e o lateral batido com o pé. Aplica-se maior rigor ao fator disciplinar. O projeto vem sendo testado experimentalmente em torneios amadores e, segundo os professores, o objetivo é "tornar mais atraente o futebol de nossos dias", já um tanto envelhecido e não raro superado por esportes mais ágeis e modernos. **Página 8.**

Ciência e guerra tecnológica: o dilema ético.

Com a modernização dos arsenais de guerra, a pesquisa científica torna-se cada dia mais importante para a sua atualização técnica. Como se comporta a esse respeito a ciência universitária? A universidade deve buscar uma postura ética? **Página 12.**

Tanque de guerra aliado no Iraque.

Livro é o último clássico da história da bossa nova

***Reprodução do livro* Chega de saudade.**

João Gilberto e Tom Jobim, os dois maiores mitos da bossa nova.

Trinta anos depois, a bossa nova faz seu último clássico. Não uma canção, mas um livro: *Chega de saudade*, do jornalista Ruy Castro, uma história completa do mais internacional dos estilos musicais brasileiros. A Unicamp colaborou com o projeto. **Página 3.**

Pesquisa mostra sobrevida dos contos de fadas

Estudos feitos por um grupo de professores da Unicamp, com a ajuda de 20 alunos e 50 entrevistados, concluem que os modernos meios de informação não apagaram Branca de Neve e Pequeno Polegar do imaginário coletivo. **Página 9.**

Ilustração de conto de fada italiano.

Opinião

A expectativa do calouro

Niuvenius Junqueira Paoli

Os vestibulandos certamente têm uma imagem altamente positiva da Unicamp como instituição de ensino superior, pois, quando indagados sobre o "motivo principal que os levou a procurar a Unicamp", 79% dos matriculados em 1990 optaram pelas seguintes alternativas: "é a instituição que oferece o melhor curso de minha escolha"; "o conceito que desfruta como universidade", "a riqueza cultural de sua vida universitária"; e "a possibilidade de acesso a uma carreira científica". Ninguém (0%) declarou que "é a escolhida pela maioria dos meus amigos". Pouquíssimos (2%) indicaram que era a mais próxima de sua residência e apenas 11% apontaram o fato de oferecer ensino gratuito.

Se, por um lado, existem fortes expectativas em relação à qualidade da instituição, por outro lado essas expectativas são adjetivadas pela preparação para uma profissão, pois numa questão seguinte — "O que você espera, em primeiro lugar, de um curso universitário?" — a resposta "formação profissional voltada para o trabalho" destaca-se em relação às demais, correspondendo a 44%.

O fato de quase metade dos matriculados indicar um significativo interesse pela profissionalização, de certa forma poderia já ser esperado, na medida em que dentro do sistema educacional brasileiro esta tem sido uma "marca registrada" do ensino superior. Entretanto, chama atenção o fato que a outra metade pode ser enquadrada dentro de expectativas de formação para atividades intelectuais, distribuídas pelas seguintes categorias de respostas: "formação teórica voltada para a pesquisa": 13%; "aquisição de conhecimentos que me permitam compreender melhor o mundo em que vivemos": 11%; "aquisição de conhecimentos que permitam melhorar meu nível de instrução": 9%; e "aquisição de cultura geral ampla": 9%.

Niuvenius Junqueira Paoli é professor na Faculdade de Educação da Unicamp.

Esses dados se referem a um perfil geral dos calouros do ano de 1990. Esses percentuais mudam conforme a opção escolhida, na medida em que existem cursos que caracterizam perfis profissionais mais nítidos (por exemplo: medicina, odontologia, engenharias) e outros menos definidos (por exemplo: artes, letras, ciências sociais), mas interessante é notar que os distanciamentos não chegam a caracterizar uma discrepância total desses contornos amplos.

As possibilidades de esses alunos realizarem suas expectativas estão na dependência de um número grande de variáveis. Algumas delas são de estrita responsabilidade pessoal de cada um desses calouros, outras devem ser respondidas pela Universidade e pelos cursos. O encontro do aluno com a instituição e o "confronto" de expectativas de ambas as partes nem sempre é fácil e por vezes conflitante. Um dos elementos que podem facilitar ou dificultar a circulação de informações adequadas, oportunas, contínuas e esclarecedoras para a realização de decisões durante o percurso acadêmico.

O percurso do aluno de uma certa forma está organizado na estrutura curricular dos cursos, variando em cada um deles as possibilidades de sistema de alternativas e escolhas a partir do sistema de matrícula por disciplina. No desenrolar de sua vida acadêmica, ao final de cada semestre letivo, o estudante da Unicamp deve expressar suas expectativas na forma de decisões sobre as disciplinas que constituirão a etapa seguinte do seu caminho. O documento de matrícula apresentado ao Registro Acadêmico indica que deliberações foram feitas mas não revela em que condições essas resoluções foram realizadas: que dados, quais elementos e perspectivas compuseram a matéria-prima nesse processo de tomada de decisões. Nas atuais regras esses julgamentos são de responsabilidade do aluno, mas as informações que estão à sua disposição serão apropriadas para análises amplas, complexas e de fundo? Como, por exemplo, sobre o sentido, o momento, a conveniência de uma dada disciplina ou de um conjunto de disciplinas ou de uma área de conhecimento no curso de graduação que vem realizando.

De um ponto de vista lógico, a melhor fonte para perceber o sentido de uma disciplina no conjunto de um dado currículo da graduação seria o próprio professor que ministra essa disciplina. Entretanto, observações indicam que isto nem sempre ocorre, e que é possível detectar uma tendência dos professores em perceber a questão da formação apenas dentro de sua área de especialização, perdendo-se a perspectiva da reunião das diferentes áreas de conhecimento que constroem um perfil do graduando.

Biblioteca, informação e desenvolvimento

Leila Mercadante

O acesso e a utilização da informação científica são condições essenciais em todo o processo de desenvolvimento social e econômico de um país. Mais importante e premente se torna a questão de disponibilidade de informação quando se pensa em desenvolver a capacidade tecnológica e produtiva da nação, fator essencial para sair da crise econômica que se atravessa. No Brasil, sem a existência formal de um sistema nacional de informação científica, apesar de todas as tentativas feitas ao longo dos últimos anos, as bibliotecas universitárias desempenham um papel extremamente importante, através da disponibilidade de seus acervos não só para a comunidade científica, como também para o setor produtivo.

É sabido, porém, que apenas algumas universidades estão aparelhadas para prestar esses serviços, como também é necessário reconhecer que somente um esforço conjunto, através de programas cooperativos e de trabalho em redes e sistemas, pode levar a resultados positivos. Esse reconhecimento tem conduzido a ações conjuntas tanto de órgãos como o IBICT, a Bireme, o MEC/Senesu/PNBU, como das agências de fomento: CNPq, Finep, Fapesp etc.

O avanço na área de telecomunicações e, principalmente, o uso do computador no tratamento e na recuperação das informações introduziram mudanças fundamentais na prestação de serviços pelas bibliotecas, e praticamente "obrigaram" o uso compartilhado dos recursos disponíveis.

Nesse panorama, as bibliotecas das três universidades estaduais paulistas sem dúvida cumprem um importantíssimo papel, uma vez que os melhores acervos do país, tanto de livros como de periódicos científicos, estão nelas armazenados. No caso específico da Unicamp, é importante analisar como tem sido sua política de prestação de serviços, e como é sua integração em redes e sistemas nacionais.

Leila Mercadante é diretora da Biblioteca Central da Unicamp.

Considerando que a melhoria do panorama nacional de ICT passa obrigatoriamente pelo fortalecimento de redes e de programas cooperativos, as bibliotecas da Unicamp estão integradas às principais redes de sistemas de informação: Bibliodata/Calco, Bireme, CCN/IBICT, Comut, CC/CNEN etc.

A política de serviços tem sido a de atender da melhor forma possível sua comunidade interna oferecendo consulta local, empréstimo domiciliar, empréstimo entre bibliotecas, levantamento bibliográfico manual e automatizado em nível nacional e internacional, comutação bibliográfica convencional, on line *e via fax pelo Brasil e no exterior, e orientação bibliográfica. Para a comunidade externa oferece os mesmos serviços, com exceção do empréstimo domiciliar.*

Por possuir um excelente acervo de publicações periódicas e de teses defendidas na Universidade, a Unicamp vem atendendo não só à comunidade interna como também à comunidade externa, constituindo-se hoje uma das primeiras bibliotecas brasileiras no fornecimento de cópias e publicações. É interessante analisar tanto os números desse serviço interna e externamente como também quem se utiliza principalmente desses acervos. É bem maior o número de atendimento externo do que os pedidos da própria comunidade: em 1990, para 13.777 atendimentos, houve 4.954 pedidos internos. Chegou-se a uma conclusão interessante ao se analisar quem se utilizou do acervo em 1990: 49% correspondem a atendimentos no próprio Estado de São Paulo, com 4% em Campinas e região, 7% para a capital, e 38% para outros municípios. Os restantes 51% ficaram para os outros estados brasileiros.

Os números do serviço de acesso às bases de dados são também significativos e demonstram que, em algumas áreas, a comunidade local os incorporou em suas atividades de ensino e pesquisa. Esses levantamentos bibliográficos automatizados são tanto realizados on line *em bancos de dados do exterior (Dialog, STN), em bases internacionais no país (Bireme, CIN/CNEN, Sportiasi), ou em bases nacionais (IBICT) como também em bases CD-ROM, tanto pela Biblioteca Central como pelas bibliotecas da FCM, IF, IQ, FEF. A análise dos dados de uso leva a concluir que as áreas de saúde, exatas e tecnológicas são as que mais se utilizam desse serviço, que realizou, em 1990, 6.200 buscas, com um total de 49.000 referências selecionadas. O relatório de 1990 do Sistema de Bibliotecas traz mais detalhes, inclusive com a citação das bases utilizadas e da demanda por instituto/faculdade.*

A introdução do uso de bases de dados em CD-ROM trouxe uma significativa mudança nesse serviço: os acessos foram multiplicados (é uma tendência também no exterior), pois chega-se a custo zero para o usuário, enquanto o acesso on line *ainda significa custos relativamente altos, mesmo considerando a responsabilidade das despesas de telecomunicações pela Unicamp.*

Para a obtenção de cópias e publicações, a possibilidade de receber e fazer pedidos on line *com as universidades que estão interligadas via Renpac, e a facilidade de receber e remeter cópias via fax agilizou o serviço e aumentou o número de usuários da Unicamp. Em 1989 houve 2.841 pedidos, em 1990 o número cresceu para 4.954.*

As perspectivas de ampliação e melhoria de oferta e acesso aos serviços de ICT no país passam necessariamente pela adequação da infra-estrutura de equipamentos e pela capacitação dos profissionais da área, fatores essenciais para a realização dos serviços. O Sub-programa de Informação em Ciência e Tecnologia no âmbito do PADCT privilegia exatamente esse aspecto, com a criação e desenvolvimento no Brasil do Sistema Público de Acesso a bases de dados (SPA). O projeto prevê "o fortalecimento e a integração dos principais serviços brasileiros de acesso público a bases de dados em linha, localizado em diferentes instituições", e a criação de Postos de Serviços (PS) para o atendimento ao usuário. A Unicamp, através da Biblioteca Central, apresentou proposta de credenciamento para funcionar com um posto de serviço, esperando receber equipamento e bases em CD-ROM em áreas onde sua demanda é explícita, o que virá, com certeza, melhorar sua prestação de serviços e o atendimento aos usuários. A proposta prevê o repasse de equipamentos e bases para as bibliotecas seccionais das áreas envolvidas, e tem como uma das metas o treinamento do usuário para operar suas próprias buscas nas bases em CD-ROM.

Reitor — Carlos Vogt
Vice-reitor — José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão — César Francisco Ciacco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação — Adalberto Bono M.F. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa — Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação — José Dias Sobrinho
Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas — SP. Telefones (0192)39-7865, 39-8394 e 39-8404. Telex (019)1150. Fax (0192)39-3848.
Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Fotografia — Antoninho Perri (Mtb 828)
Ilustração e Arte Final — Oséas de Magalhães
Diagramação — Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos — Clara Eli Salinas, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior, Sônia Regina T.T. Pais e Dulcinea Ap. B. de Souza.

Entrevista: Ruy Castro

O historiador da bossa nova

Em 1988, no Rio de Janeiro, depois de uma longa entrevista com o cantor e compositor Tom Jobim — um dos criadores da bossa-nova —, o jornalista Ruy Castro percebeu que o movimento, três décadas após seu apogeu, constituía um rico e curioso manancial de histórias jamais reveladas ou registradas pelos arquivos de imprensa. Animado com o vasto material colhido e trazendo na bagagem uma série de dicas passadas pelo próprio Tom, Ruy Castro aportou na Unicamp com uma brilhante idéia na cabeça e muita disposição para vasculhar os baús da bossa-nova. A Universidade compreendeu prontamente seu propósito e através do programa Artista Residente tornou realidade o projeto que no final do ano passado transformou-se no livro mais procurado do país: Chega de saudade — a história e as histórias da bossa-nova *(Companhia das Letras).*

Faz quatro anos que Ruy Castro, 42, deixou as redações de jornais e instalado em sua casa, em São Paulo, administra uma ativa vida de free-lancer. *Durante esse período, em que ele só produz textos que lhe despertam interesse, o jornalista foi "picado pela mosca da literatura", e é hoje um dos escritores brasileiros mais badalados. Essa transfiguração ficou evidente após o lançamento do livro: mal chegou às livrarias,* Chega de saudade *passou a encabeçar a lista dos mais vendidos — posição que ocupa até hoje. A participação da Unicamp, segundo o escritor, foi de vital importância para a viabilização do projeto. "Sem essa bolsa e sem a adoração pela bossa-nova, o livro teria sido apenas um sonho", diz ele.*

Ruy Castro em sua casa: dois anos de trabalho duro.

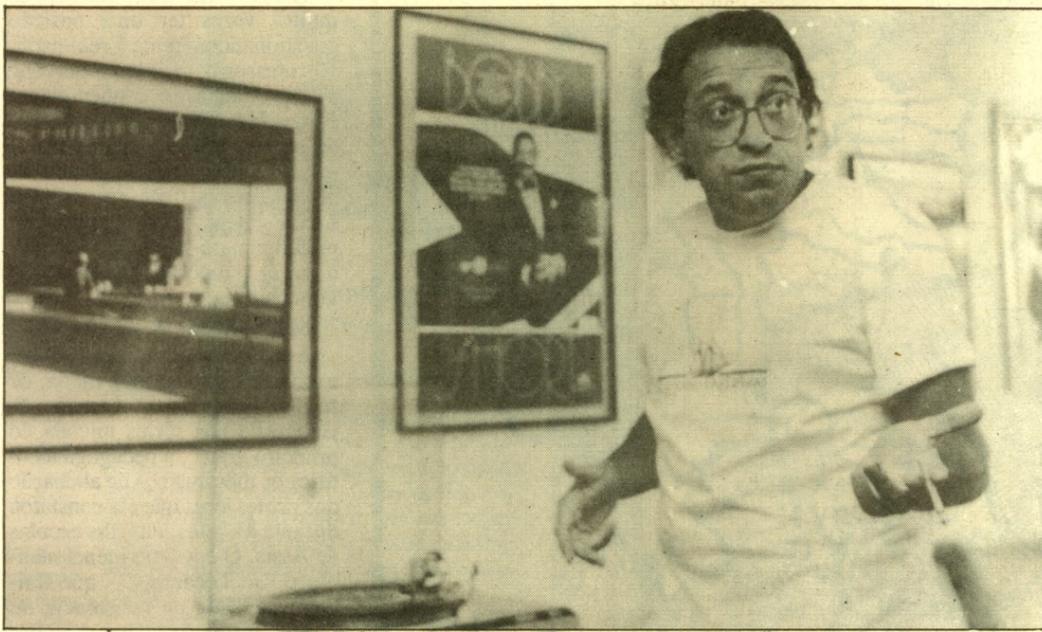
Jornal da Unicamp — A bossa nova chegou aos 30. Você acredita que com o desaparecimento de seus admiradores o movimento está predestinado à morte?

Ruy Castro — Absolutamente. Um dos motivos que me levam a crer que não há um fim próximo à vista é o sucesso de *Chega de saudade*. O livro já ultrapassa os 30 mil exemplares vendidos em pouco mais de três meses. Isto demonstra claramente que por mais que a bossa nova fosse um fenômeno de público, é certo que os leitores não são apenas os 30 mil coroas que viveram a época. Esse fenômeno é facilmente notado nos lançamentos do livro que tenho feito em capitais do Brasil (*Chega de saudade* foi lançado em Porto Alegre,

> ***"Não acredito que a juventude brasileira tenha pirado a ponto de só gostar desse roquinho".***

Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador). Neste mês ele desembarca nas regiões nordeste e norte do país com lançamentos em Fortaleza e São Luís. Em todas essas ocasiões eu sou procurado na mesa de autógrafos por pessoas de faixas etárias variadas. Metade do pessoal que me pede autógrafo é composta de jovens. São garotos na faixa dos 20 anos, menos até. Eles já chegam com o livro nitidamente lido, com o dorso quebrado, e me agradecem por ter escrito o livro e dizem: "Puxa, eu não sabia que o Brasil já tinha sido tão genial, que tinha produzido esse tipo de música. Eu peguei o disco do meu pai e fiquei ouvindo. É o maior barato."

JU — A que você atribui esse interesse dos jovens, que sequer viveram a época?

Ruy Castro — Eu tenho a impressão que se oferecer ao jovem a oportunidade de acesso a um certo tipo de informação ele a compra, principalmente se o momento for propício. Eu acho que a música popular brasileira, de uns dois anos para cá, atingiu o pior ponto a que ela podia ter chegado. Penso dessa forma porque os mais velhos, tipo Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil, são compositores que, embora não esgotados — e não se esgotarão nunca —, não estão apresentando grandes novidades. Entretanto, a música produzida por uma faixa mais jovem, que é esse roquinho brasileiro, agrada somente à parcela de jovens desinformados, a mais babaca possível. Acho até que isso pode ser um dos motivos que vem a acender um certo interesse pela bossa nova. O outro é que já se passou uma geração inteira após o apogeu da bossa nova e agora ela é uma novidade para essa garotada de 20 anos.

JU — Você faz de João Gilberto o fio condutor de seu livro. Ele foi o maior expoente da bossa nova?

Ruy Castro — Essa não é somente a minha opinião. O próprio Tom Jobim compartilha dela. Ele acha que o João Gilberto foi o grande nome da bossa nova. A afirmação se dá com

> ***"Além dos protagonistas, falei com fotógrafos, técnicos de estúdio e muitas outras personagens".***

base na teoria de que a bossa nova é basicamente uma maneira de cantar e de tocar, não necessariamente uma maneira de compor. Assim, fica evidente que João Gilberto foi a figura mais importante porque as próprias composições do Tom mudaram muito depois que os dois se encontraram. O Tom fazia uma música moderna, avançada, super-sofisticada, mas que era uma coisa muito mais próxima do samba-canção que se fazia e era comum nos anos 50. Há uma diferença nítida na obra do Tom de 58 em diante após seu encontro com João Gilberto. Então, isso faz de João Gilberto a figura mais explosiva da bossa nova.

JU — Ao descrever detalhes da vida e do comportamento de algumas pessoas citadas no livro, não houve de sua parte uma intromissão na privacidade alheia?

Ruy Castro — Pelo contrário, eu fiquei muito aquém dos próprios limites que eu poderia ter me imposto. Para qualquer pessoa que tenha vivido a época, nada disso é segredo. As bebedeiras da Maísa eram manchetes de jornal. Digo a mesma coisa no que se refere também a João Gilberto ou ao namoro do Tom com a Milene de Monjour, que era casada. Algumas informações me foram passadas pelo próprio protagonista, o que torna essa informação autorizada. Outras informações eu tive que garimpar e aplicar o meu próprio julgamento para saber se isso era ou não um fato altamente intrusivo na vida da pessoa. O critério adotado foi: "Que importância teve isso para o desenvolvimento da música?" Eu obtive, obviamente, muito mais informações com relação à vida particular de todos eles. Aquilo que não tinha relação com o desenvolvimento da bossa nova, ou que era meramente fofoca, deixei de fora.

JU — Em entrevistas publicadas por grandes jornais do país, o cantor Caetano Veloso revelou certa aversão ao livro. Ele não admite, por exemplo, que você chame de instrumento cafona a sanfona de Luiz Gonzaga. E vai além: taxa seu trabalho de cafajeste. Ele foi duro demais em suas críticas?

Ruy Castro — Com relação à sanfona cafona digo que a participação do acordeon no livro é enorme. Em diversos momentos, por exemplo, eu falo da importância de João Donato, de Chiquinho do Acordeon, enfim, de vários acordeonistas que pegavam o material folclórico brasileiro como o baião e o xaxado, faziam uma transformação modernizante e apresentavam um produto de alta qualidade. O que irritou o nosso amigo Caetano Veloso foi o que ele considera como má vontade de minha parte a opinião contra alguns sanfoneiros nordestinos como Luiz Gonzaga e dez ou doze que eu cito de enfiada. Isso é minha opinião pessoal, eu me reservo o direito de achar cafona aquele tipo de música primitiva que na época era imposta ao consumidor urbano carioca ou paulistano ou coisa parecida. Não sou baiano nem pernambucano e por isso não tenho nenhuma obrigação de gostar daquele tipo de música folclórica em estado primitivo. Eu me sinto muito à vontade para falar disso porque o Caetano Veloso parece que também não gosta. Não vejo acordeon nas músicas dele; o que eu vejo é muita guitarra elétrica. Além disso, jamais chamaria alguém de cafajeste por discordar da minha opinião. Eu tenho uma formação democrática e respeito quem não compartilha da minha idéia. Nem por isso essa pessoa será um cafajeste. O Caetano não foi tão generoso. Nas entrevistas que ele concedeu para a *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, ele falou que achou o livro muito bem escrito e que ele o leu de maneira apaixonada. Eu fiquei superfeliz com isso. Mas o que realmente o incomoda é que o livro *Chega de saudade*, inadvertidamente, talvez, contesta ou põe por terra algumas elucubrações do escritor Augusto de Campos no livro *Balanço da Bossa*, que procura fazer de Caetano Veloso o herdeiro da bossa nova. Na verdade, aquele livro deveria se chamar *Balanço do Tropicalismo*.

JU — Fale um pouco sobre os bastidores do livro. Que métodos você utilizou para obter informações tão detalhadas?

Ruy Castro — Bem, desde o começo eu sabia que eu não ia fazer um trabalho de gabinete. Deveria sim fazer um trabalho de campo, até mesmo pela dificuldade de encontrar bom material impresso. Aí eu descobri que eu tinha que conversar com as pessoas. Para isso obtive informações com os personagens que fizeram a bossa nova nos bastidores, como técnicos de estúdio, fotógrafos e músicos. Procurei pessoas que nunca deram entrevistas. Mesmo assim eu só tornava verdadeira a informação após confirmação por duas ou três fontes. Tomei outra importante decisão: fazer de Tom Jobim e João Gilberto os últimos entrevistados. Resolvi fazer assim porque o Tom tem um discurso muito elaborado. Então, eu tinha que me cercar por todos os lados e abordá-lo com as histórias já prontas para ele confirmar ou desmentir. Quando ele percebeu que eu já tinha vasculhado bem não lhe restou outra saída a não ser confirmar todos os fatos e ainda acrescentar milhões de detalhes. Agora, com respeito a João Gilberto, confesso que falei com ele pelo telefone várias vezes em função do trabalho. Foram umas oito conversas e somente em uma eu fiquei menos de uma hora e meia. Numa oportunidade ficamos conversando quase quatro horas. Ele no Rio e eu em São Paulo. Ele me ligou duas vezes e foram essas as conversas mais curtas.

JU — Como surgiu a idéia de fazer o livro e de que forma ocorreram os entendimentos com a Unicamp?

Ruy Castro — Eu entrevistei Tom Jobim em várias oportunidades. A primeira vez foi em 68. Na época eu era um repórter "foca" e o Tom já era o grande Tom Jobim. Vinte anos depois, durante uma entrevista que fiz com ele para a revista *Playboy*, me ocorreu finalmente fazer *Chega de saudade*. Muita coisa que

> ***"Trabalhei aos sábados, domingos e feriados, Não saía à rua nem para comprar cigarro".***

ele falou de bossa nova e da carreira não tinha aplicação na *Playboy*. Quando dei conta da riqueza do material que eu tinha colhido, peguei o telefone e liguei para o Luiz Schwarcz, da Companhia de Letras, naquela mesma tarde: "Luiz, vamos fazer a história da bossa nova? Eu quero fazer um livro só na base de entrevista, ouvir gente, levantar tudo que nunca foi dito ou escrito". Ele comprou imediamente a idéia e depois de três horas ele me ligou dizendo: "Acabei de falar com o Carlos Vogt (então vice-reitor da Unicamp) e ele achou sensacional a idéia e vai apoiar". Isso se deu por volta de julho ou agosto de 88. Estabeleceu-se, então, que eu seria contratado do "Programa do Artista Residente". Em dezembro do mesmo ano eu estive com o Tom Jobim em Nova York e disse que estava pintando um livro como os americanos fariam, um negócio bem detalhado, cheio de informações, uma história, nada daquelas elucubrações babacas. O Tom ficou todo entusiasmado e me indicou várias pessoas. Anotei tudo e voltei para o Brasil. Em janeiro de 90 eu comecei a ficar preocupado porque eu sabia que a Nara Leão ia morrer e que tinha outras pessoas na marca do pênalti. O próprio Tom anda de vez em quando com a saúde meio abalada por causa de alguns excessos que ele costuma fazer. Mesmo antes de minha inclusão oficial no Programa do Artista Residente, saí em busca das informações. Nara foi a primeira entrevistada. Ela me mostrou seu arquivo e botou à minha disposição. Eu disse que eu não queria usar nada naquele momento porque a situação com a Unicamp ainda estava indefinida. Como se estivesse prevendo sua morte, Nara autorizou seu agente a facilitar meu trabalho junto ao arquivo, independentemente do que viesse a acontecer. De fato, ela morreu em junho e somente após sua morte é que tive acesso às informações. A contratação junto à Unicamp se concretizou em maio.

JU — De que forma sua inclusão no Programa do Artista Residente viabilizou a confecção do livro?

Ruy Castro — Foi uma grande ajuda que me permitiu diminuir minha produção de textos para *O Estado de S. Paulo* e recusar outros *free-lances* solicitados por revistas. O investimento físico para a confecção do livro não dá para ser contabilizado, principalmente nos últimos quatro meses (de maio a agosto de 90) quando eu sentei para escrever. Cheguei a ficar trancado 15 dias sem sair de casa para comprar cigarro na esquina. Trabalhei sábados, domingos, feriados e varei madrugadas.

JU — Como se deu a transfiguração de jornalista requisitado por grandes órgãos de imprensa para um escritor badalado e situado entre os mais vendidos do país?

Ruy Castro — Isso ocorreu há quatro anos quando eu saí da redação e passei a trabalhar em casa. Eu já não tinha mais paciência para trabalhar em redações porque eu podia viver como *free-lancer*. Em todos os empregos que tive sempre fui muito requisitado para este tipo de trabalho. Então, eu descobri que podia dispensar as redações e vim para casa. Em um ano e pouco já comprei um computador e me livrei de um trabalho manual gigantesco. Iniciei assim meu trabalho com o Luiz Schwarcz, na tradução do livro *Big loira e outras histórias de Nova York*, de Dorothy Parker. Como o resultado foi positivo — o livro integrou a lista dos mais vendidos — resolvi também fazer *O livro dos insultos de H.L Mencken*. Depois fiz uma antologia de frases de humoristas americanos e ingleses, nascendo então o livro *O melhor do mau humor*, lançado no final de dezembro de 89 e em cartaz até hoje. Já foram vendidos cerca de 50 mil exemplares, o que é um número considerável em termos de Brasil. Aí, quando já estava picado pela mosca do produto livro, decidi fazer o *Chega de saudade*.

JU — Então a literatura se tornou mais interessante que o jornalismo?

Ruy Castro — A matéria de jornal é um pouco ingrata porque ela está condenada sempre à morte. O livro, quando bem feito, provoca um reboliço. No caso específico do *Chega de saudade*, pôde-se notar reflexo imediato. A bossa nova voltou à tona. Muitos discos foram relançados e inúmeros shows voltaram a ter espaço em palcos de São Paulo e Rio de Janeiro. Vou mais além: em 88 fez 30 anos que o João Gilberto gravou o disco *Chega de saudade*. Trata-se do aniversário oficial da bossa nova. Não houve repercussão do fato. No final de 90, ninguém estava comemorando nada, saiu o livro e a partir daí as coisas começaram a acontecer. A repercussão está sendo uma coisa descomunal. A quantidade de matérias publicadas é prova disso. O livro foi

> ***"Ainda gosto de escrever para jornais, mas estou comprometido com livros pelos próximos dois anos".***

capa de todos os segundos cadernos de todos os jornais de todas as capitais do Brasil. Devo ter dado, no mínimo, cerca de 200 entrevistas.

JU — Você pretende deixar de lado suas atividades jornalísticas ou acredita ser possível conciliá-las com a literatura?

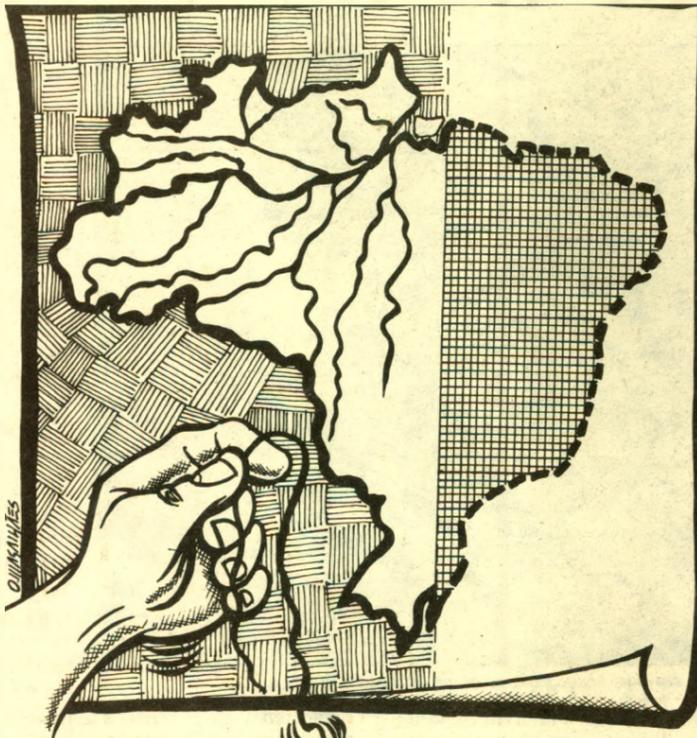
Ruy Castro — O que está acontecendo agora é que eu não estou tendo nem tempo de respirar. Quando *Chega de saudade* estava no forno eu já estava engatilhando uma seqüência do *O melhor do mau humor*, que deve ser um livro com frases sobre mulheres e vai chamar *Mulher de mau humor*. É possível que esse livro dê ensejo a um outro que vai ser lançado em seguida. Provavelmente se chamará *O homem de mau humor* ou coisa parecida. São projetos a serem lançados ainda este ano. Há também um trabalho patrocinado pela Goodyear que compete a mim fazer: uma biografia de Nelson Rodrigues. Então, eu estou comprometido com livros pelos próximos dois anos. Mas, por outro lado, eu ainda sou jornalista. Eu gosto de preparar um texto hoje e vê-lo publicado amanhã, mesmo que tenha vida curta. Desde que vim para essa casa e montei minha empresa de *free-lancer*, só trabalho nos assuntos que me interessam. Entretanto, os livros são hoje minha prioridade. **(A.C)**

Onde o rio não cabe no mapa

Pesquisa busca desmitificar ensino de geografia nas escolas paulistas.

Com potencial hidrelétrico de 12.660 MW/ano e 2.640 quilômetros de extensão, um dos principais rios que compõem a Bacia Amazônica foi excluído do mapa. Não se trata de mudança cartográfica: o motivo foi o descontentamento de uma criança com o ensino da geografia. Sem dinamismo e longe da realidade social dos alunos — que recebem dos professores informações superficiais e fragmentadas —, o ensino dessa disciplina nas séries iniciais do primeiro grau foi objeto de análise da pedagoga Raimunda Abou Gebran, docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Assis. Em sua tese de mestrado pela Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, a pesquisadora apresenta traços de um modelo que, entre outros aspectos, busca desmitificar a concepção — comum a tantos processos — de que esse é um campo do conhecimento que exige apenas memorização e não raciocínio.

Para obter elementos à sua proposta, no período de março a junho de 1988, a pedagoga, graduada pela Faculdades Integradas de Marília, acompanhou as aulas dessa disciplina em dez classes de três escolas de Assis, selecionadas de acordo com o nível sócio-econômico da clientela. Foi em uma das aulas que o rio não foi incluído na bacia hidrográfica, fato que serviu para ilustrar um dos mecanismos de alienação do ensino utilizados pelas professoras observadas. A resposta da criança tornou-se o título da tese.

Segundo Raimunda, naquela aula os alunos receberam uma folha que trazia mimeografado o

contorno do mapa do Brasil. A ordem era localizar as bacias hidrográficas e seus respectivos rios. Para a reprodução, as crianças tinham que utilizar um mapa do livro didático como modelo, mas o contorno distribuído não possuía o mesmo tamanho da ilustração do livro. Os estudantes se esforçaram e procuraram reproduzir todos os rios. Um dos alunos, no entanto, deixou o rio Tocantins fora da Bacia Amazônica — considerada a maior do mundo, com 5,8 milhões de quilômetros quadrados e que representa 20% de toda água doce que chega ao oceano. Ao ser questionado pela professora sobre o porquê da exclusão, ele respondeu: "Como o rio não cabia no meu mapa, eu resolvi tirá-lo".

Modelo pretendido

Com base em observações nas salas de aula, a educadora entende que a geografia a ser apresentada, inclusive no segundo grau, deve objetivar uma detalhada análise do contexto sócio-político e econômico. "O ensino deve favorecer a compreensão real e concreta da ação humana, procurando compreender o movimento da sociedade, sobre o espaço e ao longo do tempo. Isso, entretanto, só poderá ocorrer através da visão de totalidade e não fragmentada, nem descritiva ou superficial da sociedade", expõe Raimunda.

O ponto de partida deve ser a realidade vivida pelo aluno. Ou seja, o ensino da geografia deve vislumbrar, coletar e discutir dados pertinentes à observação do meio em que vive a criança. A pedagoga defende uma metodologia do ensino bem mais crítica e que possibilite ao professor enxergar, de fato, a importância do seu trabalho pedagógico inserido num processo político mais amplo.

Ela explica que, apesar de muitas vezes ter uma posição questionadora frente à realidade, o professor nem sempre percebe a importância do conhecimento geográfico e histórico no ensino de primeiro grau. Diante das limitações em trabalhar o conteúdo da geografia em estudos sociais, o professor geralmente prefere ignorá-lo ou dedicar o mínimo de tempo ao seu desenvolvimento.

Mecanismos de alienação

Em sua tese intitulada "Como o rio não cabia no meu mapa, eu resolvi tirá-lo... — o ensino da Geografia nas séries iniciais do primeiro grau", a pedagoga identifica os mecanismos de alienação dos professores que ela constatou durante as aulas, nas três escolas de Assis. O episódio mencionando, o Rio Tocantins — que Raimunda chama de resistência do aluno à forma de ensino — representa o formalismo. Trata-se do mecanismo de alienação existente no processo de ensino e de aprendizagem, através do qual o professor estabelece a dependência do aluno às formas, não enfatizando "o processo global, vivo, de dúvidas, de investigação, de criação ou críticas". Ou seja, a criança se limita a completar, pintar ou copiar gráficos e mapas, por exemplo.

Outros mecanismos de alienação que a pesquisadora observou são o verbalismo e o congelamento do real. No primeiro, a criança memoriza e reproduz ou repete os conceitos, sínteses, resumos ou questões ditados através dos monólogos do professor. No congelamento do real, o professor transmite o conteúdo aos alunos sem qualquer tipo de questionamento, nenhuma articulação com o contexto e o cotidiano das crianças. Através desse mecanismo o professor apresenta textos que elaborou antecipadamente, propondo atividades ou exercícios de fixação. Por exemplo, "Quem nasce no Estado de São Paulo, o que é?", mantendo assim a classe totalmente dependente de seus conhecimentos.

Crime de lesa curiosidade

Nas salas de aula a pesquisadora constatou ainda o mecanismo de alienação chamado detalhismo: a professora de uma turma da quarta série compartimentalizou o conhecimento geográfico, ao isolar os elementos da vegetação e principalmente da ação humana presentes na paisagem de uma rodovia, para onde os alunos foram levados durante uma aula sobre formas de relevo. O crime de lesa curiosidade também foi citado na tese. Esse significa a mutilação da curiosidade infantil mediante a apresentação de conceitos prontos, ou ainda quando o professor antecipa as conclusões ou não explora nem considera a fala e as experiências dos alunos.

Raimunda exemplifica o crime de lesa curiosidade com algumas situações. Numa delas, durante a aula de geografia, o aluno comenta: "Professora, hoje o dia está nublado". Professora: "Está sim, mas preste atenção ao que estamos estudando". No outro caso, no decorrer da aula sobre divisão política do Brasil e a importância da capital federal, uma aluna afirmou: "Quando construíram Brasília, gastaram muita fortuna, que até agora nós estamos devendo". Sem levar em consideração a fala da criança, a professora direcionou o assunto para a questão da Constituinte e lançou à classe uma série de perguntas como "Quem nasce no Brasil é...?" A mesma aluna, para surpresa da professora, respondeu: "Eu tenho pena de quem nasce no Brasil". A professora então lhe perguntou o motivo e a criança, sem apresentar dúvidas, opinou: "Porque quem nasce aqui está sempre devendo. Olha só o salário, dá até raiva". **(C.P.)**

Educador propõe uma pedagogia de risco

Tese resgata e atualiza idéias de Bakunin, Kropotkin, Proudhon e Malatesta.

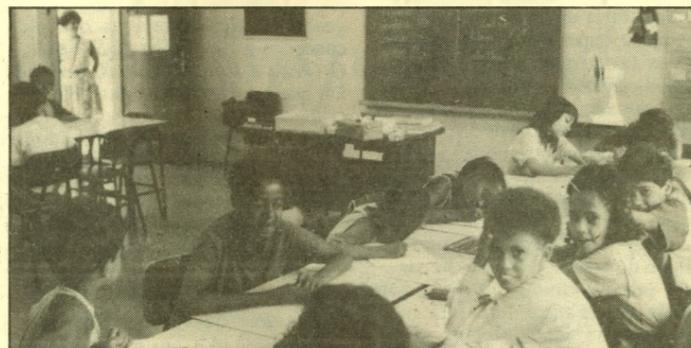
Silvio: mergulho nos anarquistas.

A pesquisa aponta erros e preconceitos da educação formal.

No início da década de 70, o pensador francês Louis Althusser fez uma denúncia que causou furor nos meios intelectuais da França. Ele dizia que o ensino público nada mais era que um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, encarregado de difundir e perpetuar a ideologia capitalista. No entanto, apesar do delírio generalizado que acabaram provocando, as denúncias de Althusser não constituíam um fato novo sobre a questão. Teóricos anarquistas como Bakunin, Kropotkin, Proudhon ou Malatesta, entre outros, já vinham denunciando o caráter ideológico da educação há 200 anos, desde a consolidação do poder político burguês com a Revolução Francesa.

Depois de permanecer no esquecimento por um longo tempo, a pedagogia libertária — ou anarquista — é agora resgatada pelo educador Silvio Donizetti de Oliveira Gallo. Fascinado pelo anarquismo de um modo geral, paixão que começou dez anos atrás, há três Silvio mergulhou nos estudos da educação sob a ótica anarquista. O que resultou numa dissertação de mestrado intitulada "Educação anarquista: por uma pedagogia de risco", defendida em agosto de 1990, sob a orientação do professor Régis de Morais.

Esse trabalho tem dois objetivos fundamentais: o primeiro é retomar a discussão sobre a pedagogia anarquista, o segundo, com base em experiências práticas verificadas no final do século passado e início deste, propor a instituição de uma teoria anarquista da educação de forma que possa ser adaptada ao contexto social brasileiro. Há que ressaltar, porém, que essa linha pedagógica ficou, por um longo tempo, relegada a um esquecimento quase absoluto. Isso porque, segundo o pesquisador, constituía-se numa crítica radical ao sistema educacional da época, e, por ser combatida pelos poderes vigentes, encontrou dificuldades que impediram o seu próprio desenvolvimento.

Ao invés de optar pela segurança do ajustamento da personalidade dos indivíduos aos meios sociais, a pedagogia libertária, proposta pelos mais inspirados anarquistas da época, visa fundamentalmente a "despertar a criatividade do indivíduo e permitir o desenvolvimento livre e autônomo de suas potencialidades. "O verdadeiro sentido da educação anarquista numa sociedade capitalista é a formação de homens críticos, conscientes, criativos e que, abertos para a amplitude social, estejam em perfeita relação com ela", acentua o pesquisador.

Do ponto de vista libertário, a educação existente na época, fosse ela estatal ou particular — que não ia além das escolas confessionais e religiosas — era veiculadora de erros e de preconceitos. Segundo Silvio Donizetti, essa educação não preparava as pessoas para pensar, estar de prontidão com relação ao conhecimento. Mas apresentava uma noção de homem e uma visão de mundo já prontos, com o intuito de perpetuar o estado de coisas, preservando a estrutura social.

O pesquisador observa que na escola tradicional do início do século "não se ensinava a conhecer o mundo, mas passava-se um conhecimento superficial que, de certa forma, proporcionava a segurança de viver sem mistérios, mas que levava ao medo do risco, à morte da criatividade, da liberdade e da originalidade". Se por um lado a educação tradicional veiculada pelo capitalismo teria por objetivo disseminar a ideologia da perpetuação e manutenção do sistema social, por outro a pedagogia anarquista teria por objetivo desestruturar essa ideologia social e ensinar a construção da liberdade. "Isso para que o indivíduo pensasse e agisse à sua maneira, criando a sua própria ideologia, assumindo a sua singularidade, sem, no entanto, fechar-se para a amplitude do meio social", diz.

Muita coisa do que foi estudado e proposto pelos pensadores anarquistas daquela época pode-se observar que hoje, 100 ou 200 anos depois, foi assimilada e colocada em prática por escolas da rede oficial quanto por outras linhas de pensamento educacional. Para exemplificar, Silvio lembra que agora há maior abertura no relacionamento professor-aluno, e o ensino atual volta-se com mais ênfase para a realidade dos interesses do estudante. Além disso, verifica-se que há maior interesse nas áreas práticas — com a utilização de laboratórios para estudos do meio — e a utilização de práticas lúdicas.

"No século passado, não havia, por exemplo, a prática da educação física nas escolas. Foram teóricos anarquistas que, no início, sugeriram a sua instituição, a necessidade de aliá-la a estudos intelectuais", conta o pesquisador. Mas não a nível de competição, como acontece atualmente, mas sim a título de lazer, objetivando sempre a solidariedade entre os estudantes. Mesmo porque, "o mais importante é eliminar da escola qualquer tipo de competitividade que, reforçada por um acentuado sentido da disciplina e da hierarquização, tende a perpetuar relações de dominação e dependência e a tornar impossíveis as relações de igualdade e solidariedade", como diz Féliz Garcia Moriyón no seu *Educação Libertária*.

O pesquisador cita os professores Paulo Freire e Rubem Alves como dois bons exemplos de educadores contemporâneos que possuem muitos pontos em comum com a pedagogia anarquista. Rubem Alves, fundamentalmente, pela instituição do lúdico e do prazer de aprendizagem. "Não pelo prazer inconsistente, superficial, mas sim pelo prazer que destrói a relação de poder que há entre professor e aluno, algo mais próximo da liberdade do que do autoritarismo, de forma a ter a escola como um lugar agradável de se estar e, também, de aprender", ressalta Silvio.

Quanto a Paulo Freire, mais a nível da conscientização política que deve surgir no processo educacional. Ou seja, a partir do momento que o educador toma consciência da realidade sócio-cultural da comunidade é que começa seu trabalho de alfabetização. De acordo com o pesquisador, esse processo pedagógico é desenvolvido a partir do que Freire chama de "palavras geradoras", isto é, palavras que fazem parte da realidade de determinados grupos de pessoas. Tijolo, telha, reboco, parede e areia, naturalmente inseridas no cotidiano de um pedreiro, por exemplo, são algumas dessas palavras através das quais dá-se o processo de sua alfabetização. **(A.R.F.)**

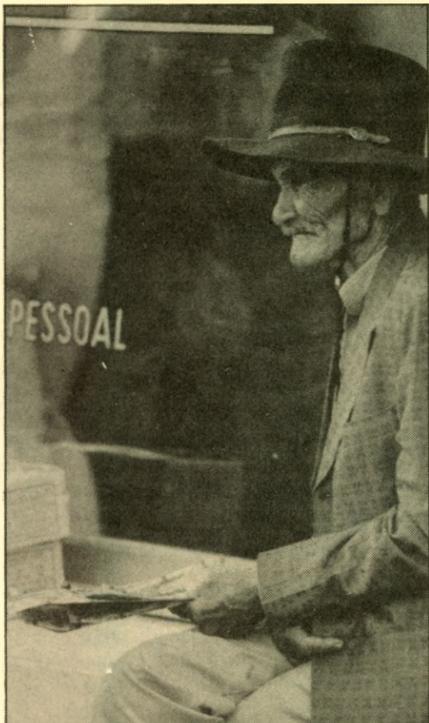
Estudo avalia drama da velhice

Morte não é o maior temor dos velhos, mas sim a perda de seu papel na sociedade.

"Não chore, não junte os dedos em súplica, não se revolte: é preciso envelhecer". Gabrielle Colette (1873-1954).

O ensinamento da romancista francesa, ainda que bem intencionado, dificilmente poderá ser absorvido sem traumas, medos ou angústias pelo idoso contemporâneo. Talvez porque a idéia de velhice esteja intimamente associada a doenças, aposentadoria, miséria, abandono, solidão... Sem falar no drama dos inválidos, presos a camas de asilos, hospitais ou em cadeiras de rodas. Como Colette, que temia a velhice desde a infância, milhares de pessoas vivem essa fase dolorosa, marcada por perdas e restrições — dramaticamente relegadas a uma condição marginal.

Pesquisas desenvolvidas pela antropóloga Guita Grin Debert, do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, mostram, após três anos de trabalho, como vivem e o que pensam os idosos — homens e mulheres — sobre a velhice e como encaram a experiência do envelhecimento. Para isso escolheu como universo de seu trabalho 100 pessoas idosas de três asilos de São Paulo, um da comunidade israelita, um da comunidade japonesa e um terceiro sem identidade étnica específica. "O meu objetivo é tentar entender as formas de sociabilidade e a interação dos residentes no asilo com o pessoal técnico e administrativo", explica a pesquisadora.

Uma das conclusões a que chegou é que

Velhice e solidão: binômio.

a morte, ao contrário do que se poderia imaginar, não é a coisa mais temida pelo idoso. "Mas sim a questão da invalidez, a perda da independência funcional, aliadas à perda da lucidez", conclui Guita. De acordo com ela, nas duas mais antigas teorias da gerontologia — a da atividade e a do desengajamento — a velhice é definida como um momento de "perda de papéis sociais". Entretanto, ambos mostram como se dá o ajustamento pessoal a essa situação definida como "perda" e medem o grau de conformidade e o nível de atividade dos idosos. "A diferença entre essas duas teorias é que, enquanto uma considera mais felizes os velhos que encontram atividades compensatórias, permanecendo ativos, a outra vê no desengajamento voluntário das atividades a chave do envelhecimento bem sucedido", avalia a antropóloga.

Guita: entender as formas de sociabilidade.

Envelhecimento

Ela observou, por exemplo, que os velhos — tanto os homens quanto as mulheres — costumam não se identificar como tais, preferindo referir-se "aos outros velhos", acionando um conjunto de estereótipos estigmatizantes, do tipo "o velho é um egoísta", "só pensa em comer e dormir", "vive reclamando da vida". Ao contrário das mulheres, os homens não distingüem entre processo biológico e o espírito, que poderia resistir à velhice, retardá-la ou dar a ela nova direção. Eles tendem a considerar o envelhecimento um processo biológico irreversível e julgam que aceitar naturalmente essa situação é a forma ideal para um envelhecimento mais saudável.

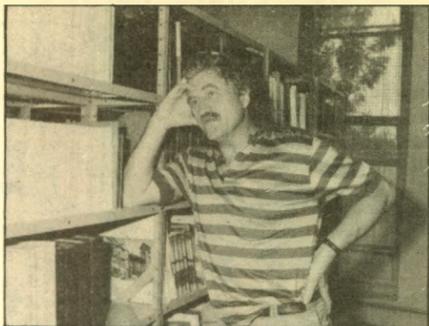
"A perda da lucidez e do raciocínio é tão temida quanto a invalidez ou a miséria. É a prova de que se está velho", ressalta Guita. Para as pessoas idosas, resistir à velhice é assumir que já não se é moço e ser capaz de abrir mão de coisas materiais e de atividades próprias dos jovens. Guita observou ainda que as mulheres procuram mostrar que "a velhice é uma questão de autoconvencimento e que devem reagir, evitando fazer o que é típico das velhas", como, por exemplo, passar o tempo fazendo tricô ou jogando cartas. Já os homens procuram enfrentar a velhice mostrando que é importante tomar consciência de que já não são mais jovens. "É isso que lhes permite não ter um comportamento típico de velho, estigmatizado pela sociedade", analisa a antropóloga.

Por outro lado, verificou também que a vida nos asilos é cercada de muita solidão. Mas, segundo a pesquisadora, quem mais se diz sofrer com isso são os homens. "Ao contrário deles, durante todo o tempo em que durou o levantamento, nenhuma das mulheres queixou-se de solidão no asilo onde moram." Apesar da solidão, da falta de perspectivas de uma vida melhor, da necessidade de viverem num mundo à margem, particular, é possível detectar que esses moradores, sejam eles homens ou mulheres, ainda sonham e mantêm alguns projetos de vida que consideram realizáveis. Um deles é poderem se casar de novo. No caso dos homens, esse sonho vem associado a uma outra questão: a liberdade proporcionada pela possibilidade de poder deixar o asilo e morar em outro lugar qualquer. Com as mulheres, no entanto, o sonho do casamento não significa, necessariamente, ter que deixar o asilo. E nem mesmo elas talvez pensem nessa possibilidade — ainda que uma nova união não passe realmente de apenas mais um sonho. **(A.R.F.)**

A periculosidade da filosofia

Ensaio sobre Martin Heidegger conclui que a filosofia pode ser perigosa.

A filosofia, quando levada de forma não crítica, pode tornar-se uma ciência extremamente perigosa. Foi essa a constatação a que chegou o professor Zeljko Loparic, pesquisador do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLEHC), da Unicamp, que lançou recentemente o livro *Heidegger réu — um ensaio sobre a periculosidade da filosofia* (Papirus Editora, 1990). Em seu trabalho, Loparic faz a revisão do processo contra Martin Heidegger, um dos filósofos mais respeitados do século 20, encentado pelo filósofo chileno Victor Farias. Entre as acusações, Farias tenta comprovar através de documentos inéditos que a obra do filósofo alemão — que serviu o nazismo durante algum tempo — foi contaminada por idéias nazistas

A polêmica recente sobre o assunto teve início em 1987, na França, quando Farias publicou o livro *Heidegger e o nazismo*. Nessa obra, o filósofo chileno insinua que o pensador alemão deveria ser eliminado da comunidade filosófica assim como a ideologia nazista foi banida da convivência dos "homens políticos sensatos". A proposta de Farias provocou um

Loparic: no centro da polêmica.

verdadeiro terremoto na opinião pública francesa. Para Loparic, o fato se explica. Afinal, estava posto no banco de réus o pai de uma filosofia considerada por muitos como "o horizonte intransponível" do pensamento contemporâneo.

Diante da perplexidade da comunidade filosófica após a publicação do livro de Farias, Loparic viu-se levado a tomar uma posição sobre o assunto, embora tivesse há algum tempo deixado de lado seus estudos sobre o pensador alemão. O pesquisador da Unicamp já conhecia as posições de Farias mesmo antes da publicação do livro. Ambos se conheceram em um seminário sobre Heráclito na Universidade de Friburgo, no semestre de inverno de 1966/67, oferecido por Eugen Fink e Heidegger. De lá para cá, Farias e Loparic mantiveram contatos pessoais ou através de correspondências.

Ceticismo

Segundo Loparic, em 1982 Farias já revelava interesse em documentar e denunciar o grau de influência das idéias nazistas sobre o pensamento heideggeriano. "Já na época eu procurava mostrar-lhe o meu ceticismo sobre o assunto", afirma Loparic. Três anos mais tarde, em novo encontro com Farias em Berlim, o pesquisador da Unicamp teve acesso a textos de Farias que seriam posteriormente capítulos do seu livro. "Naquele momento, minhas divergências com Farias tornaram-se ainda mais vivas", diz. O pesquisador afirma que não podia manter-se calado diante as acusações tão brutais com as que afirmavam que Heidegger havia consentido com o genocídio dos judeus ou permanecido cegamente fiel à doutrina nazista.

A idéia de Loparic começou a ganhar corpo em setembro de 1988, no 3º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), realizado em Gramado (RS). Na oportunidade ele proferiu a palestra "Heidegger e a questão da culpa moral". Parte dessa apresentação foi publicada no ano seguinte no jornal *Folha de S. Paulo* O pensador chileno teve acesso a esse material através de correspondência enviada pelo pesquisador do CLEHC. Farias não se manifestou. Entretanto, as reações de membros da comunidade filosófica brasileira estimularam Loparic a suspender outras pesquisas em curso e debruçar sobre a questão da periculosidade da filosofia heideggeriana, bem como da cultura ocidental em geral.

Senso comum

Loparic mostra-se crítico em relação às acusações feitas por Farias. Segundo ele, o livro *Heidegger e o nazismo* parte de um certo senso comum cuja origem permanece obscura. Falta embasamento às acusações feitas. O professor Loparic conclui que não existe uma teoria filosófica suficientemente geral na qual se possa empreender a tarefa de julgamento das filosofias em termos da sua periculosidade.

Apesar das críticas ao pensador chileno, Loparic admite que o livro de Farias suscitou análises mais aprofundadas da concepção heideggeriana da violência. O pensador chileno revela, embora de forma às vezes equivocada, segundo crê Loparic, o posicionamento insatisfatório de Heidegger diante de crimes políticos. Os estudos de Loparic o levaram a conceber uma suspeita mais profunda: a de que a filosofia ocidental pode ser perigosa ou irrelevante para a vida humana. Fundamentadas ou não as acusações de Farias, a realidade é que se avolumaram os estudos sobre Heidegger e a filosofia política, Heidegger e a filosofia prática e Heidegger e o nazismo. "De um modo ou de outro, esses são os efeitos positivos do trabalho de Farias", conclui Loparic. **(A.C.)**

Vestibular 91 aponta 1º colocado

É Fernanda Fonseca, dona da maior nota desde o início do novo vestibular da Unicamp.

Aos quatro anos lia notícias de jornal e pequenas histórias infantis. Na escola, suas notas nunca foram inferiores a oito. Ano passado prestou três vestibulares: Unicamp, Puccamp e Fuvest. E entrou em todos eles. Nem por isso se considera "diferente". Mesmo se levar em conta o fato de ter sido a primeira colocada no último vestibular da Unicamp com uma pontuação superior às obtidas pelos primeiros colocados em concursos anteriores: 81,90 pontos.

Fernanda Rodrigues da Fonseca, 17 anos, 1,73m de altura, olhos e cabelos castanhos, pele clara e um sorriso constante no rosto, não se vangloria de toda essa proeza. Para ela, sem querer usar de um raciocínio simplista demais, tudo isso se deve a um único fator: sua dedicação aos estudos. "Sempre fui de estudar bastante, com afinco mesmo. Gosto de passar o tempo todo envolvida com livros e cadernos, aprendendo, descobrindo sempre coisas novas. Isso me dá muito prazer. Sorte ou privilégio, o fato é que tenho muita facilidade de memorização. E isso tem me ajudado muito", diz, sorrindo.

Vinda de uma escola particular de alto nível — O Instituto Educacional Imaculada, de Campinas, onde estudou durante 12 anos —, Fernanda entrou na Unicamp sem fazer qualquer cursinho preparatório. Para ela, pela maneira como sempre conduziu os estudos, o cursinho "é um expediente desnecessário". Na Puccamp entrou em medicina. Na Fuvest entrou em engenharia mecânica com habilitação em automação de sistema, e na Unicamp, também em engenharia mecânica, uma área predominantemente procurada por homens. No entanto, Fernanda não crê que vá ter de fazer força para lidar com motores, turbinas e outros materiais pesados. "O engenheiro mecânico tem a possibilidade de trabalhar menos com a prancheta ou com as máquinas e de se aplicar muito mais ao computador. Principalmente pelas tendências de automação das indústrias brasileiras de um modo geral", diz ela, salientando, contudo, que isso não significa que não esteja interessada também na parte prática do curso, como lidar diretamente com motores, turbinas etc.

Fernanda: roque pesado, Guimarães Rosa, Machado e Graciliano.

Daniel de Noronha Begnami, aluno do 2º ano de mecânica da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp, é um dos maiores, senão o único, dos incentivadores para que Fernanda fizesse o curso de engenharia mecânica. Daniel é namorado de Fernanda e, não apenas isso, foi dele que recebeu o maior estímulo, e com quem trocou informações importantes sobre a universidade e o próprio curso. Se Fernanda entrou em medicina na Puccamp, passou também na Fuvest, porque então escolheu a Unicamp? A resposta veio rápida: "Porque é a universidade de maior conceito no país, pelo alto padrão de seus cursos e pelo nível de seus professores. Caso eu não tivesse entrado na Unicamp este ano, em 92 tentaria novamente".

Machado, Tchecov

Fernanda não gosta de ser vista como uma garota superdotada. Faz questão de frisar que é uma pessoa normal, de hábitos e atividades semelhantes a qualquer outra pessoa de sua idade. Tanto é que gosta de rock — "não o rock brasileiro, de letras vazias, sem conteúdo e de harmonia pobre", ressalva —, aprecia o toque das guitarras das bandas de *heavy metal*, de bons filmes, bons romances e de ir ao cinema. Não pratica nenhum esporte mas, para compensar, costuma dar longas caminhadas perto de sua casa. É pouco chegada a encontros de barzinhos, porque "as conversas, mesmo entre amigos, depois de certo tempo se tornam chatas e vazias". Dificilmente passa um dia sem ler jornais — preferencialmente as notícias internacionais e de política econômica — "e dar uma passada de olhos nas revistas semanais".

Quando não está fazendo nada disso, gosta de se voltar para a literatura. Seu autor predileto, como ela faz questão de ressaltar é Machado de Assis. "É o primeirão, de quem já li quase tudo, a começar por *Dom Casmurro*. O que mais me atrai em Machado é a sua capacidade de análise crítica da sociedade, o olho intenso que consegue aplicar em cada personagem. Sem falar do humor cáustico e sutil, que nunca perde a elegância". Ainda entre os brasileiros, Fernanda cita dois outros grandes nomes: Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. "O primeiro, simplesmente um gênio; o segundo não fica atrás com sua linguagem seca, precisa, limpa e estranhamente sensível".

Quanto aos estrangeiros, a nova estudante da Unicamp diz que, logo depois do vestibular descobriu um autor fantástico: o russo Anton Tchecov (1860-1904), do qual acaba de ler um livro *Três irmãs*, que a deixou bastante impressionada. Sommerset Maughan e Albert Camus são outros dois romancistas de que Fernanda aprendeu a gostar, embora não tenha lido toda a obra de ambos. Do primeiro, leu, em inglês, principalmente coletâneas de contos. De Camus, *A Peste*.

Por ocasião do Carnaval, ela não foi para a avenida. Nem brincou no salão — aproveitou para descansar, ver alguns filmes, acompanhar a guerra no Golfo Pérsico e, obviamente, ler um novo livro. **(A.R.F.)**

Programa integra serviços sociais internos

Unidades de ensino e pesquisa colaboram com os projetos de atendimento social.

Enquanto nos laboratórios e nas salas de aula de diferentes unidades acadêmicas da Unicamp os pesquisadores tentam delinear os futuros caminhos da ciência, sobre a mesa de uma socióloga que há anos se dedica a questões como a participação popular e os movimentos sociais de entidades de bairros, habitação ou creches, são traçados programas cuja tônica é integrar os diversos serviços sociais da Universidade. O programa geral é parte da nova filosofia de atuação da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, encabeçada pelo professor Francisco César Ciacco.

A socióloga e assessora para Assuntos Comunitários da Pró-Reitoria de Extensão, Maria da Glória Gohn, desde maio do ano passado se empenha em cada detalhe da política de integração dos sete serviços educacionais com os trabalhos e pesquisas do terceiro grau. "O objetivo básico é possibilitar, de um lado, a troca de vivências e experiências de forma que os serviços educativos se beneficiem com os estudos, as pesquisas e os recursos humanos e materiais da instituição", diz ela. "E, por outro lado, a Universidade enriquece o seu acervo de pesquisas, observações e reflexões, tendo a possibilidade de acesso a um campo tão fértil e próximo, contribuindo assim para a reconstrução da rede pública de ensino básico".

A ampliação da rede de atendimento integrado, segundo a socióloga, representa, tanto entre si como em relação à Universidade, um relevante fato histórico na educação brasileira e marca mais uma vez o pioneirismo da Unicamp. Ela explica que não se trata de serviços de caráter assistencial apenas para atender aos funcionários, tampouco significa a instalação de unidades ou laboratórios experimentais de aplicação para a instituição. "A rede tem como centro o aluno filho de funcionários da Universidade e o serviço não deixa de ser uma contribuição indireta ao salário dos trabalhadores", avalia a socióloga.

Frentes de trabalho

As unidades de ensino mantidas pela Unicamp e integradas com o terceiro grau são o Centro de Convivência Infantil (Ceci), com 370 crianças de zero a seis anos assistidas no berçário, maternal e infantil por uma equipe de recreacionistas, coordenadoras pedagógicas, psicólogas, assistentes sociais e outras profissionais; há a creche para filhos de funcionários da área de saúde, inaugurada em junho último, com capacidade para 300 crianças, e que tem servido como modelo para a instalação de unidades semelhantes em municípios paulistas e algumas instituições.

Maria da Glória: o ensino como principal frente de trabalho.

Há também a pré-escola, resultado de convênio com a Prefeitura de Campinas. Em instalações da Universidade, desde 1987 atende a 240 crianças na Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Unicamp, com o assessoramento de bolsistas e de docentes dos cursos de graduação da Faculdade de Educação Física (FEF) e da Faculdade de Educação (FE) da Universidade. Existe ainda outro curso pré-escolar com 270 crianças e funcionando junto ao Programa de Apoio à Escolaridade (Prodecad). Através deste e do auxílio de bolsistas da FEF, 270 alunos participam de atividades de reforço escolar, artes e recreação, complementares às séries iniciais do primeiro grau.

Fechando o circuito

No ano passado, implementando as atividades educacionais no campus, foi inaugurada a Escola Estadual de Primeiro Grau "Professor Sérgio Porto". Com dez turmas de primeira à quarta séries, a clientela básica é formada pelos filhos de servidores, que em 1990 também foram acompanhados por três bolsistas da FE. Fechando o círculo, o ensino supletivo também se faz presente no campus, através do Centro Estadual de Ensino Supletivo (Cees), para o primeiro e segundo graus.

Até novembro do ano passado, 3.900 inscritos passaram pelo Cees e 150 se formaram no primeiro grau, sendo que para o segundo grau, iniciado no mês passado, 600 funcionários da Universidade já estão inscritos. O trabalho educativo é a principal frente de atuação da Assessoria de Assuntos Comunitários, que mantém projetos voltados a entidades de moradores e sociais, como o SOS Ação Mulher — nesse, atualmente, a ênfase é a prevenção e o encaminhamento jurídico, com a atuação de bolsista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Há estudos para a ampliação das atividades nessa entidade, visando diferentes enfoques sobre a questão da mulher e do problema da violência na sociedade.

Apoio de docentes e usuários

No processo de integração, Glória coordenou no ano passado um seminário sobre educação infantil, com a participação de docentes da FE, da FEF e da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), além de representantes das unidades de ensino. Para este ano estão previstos eventos semelhantes enfocando a alfabetização em geral e também cursos de extensão para os funcionários lotados nas unidades de ensino básico da Unicamp. Outros projetos, no entanto, envolvem diretamente os docentes enquanto elementos de mediação entre as unidades acadêmicas e os serviços, visando a melhor atender à comunidade. Há três equipes de pesquisas da Universidade participando do planejamento nos serviços: sobre o ensino da matemática, o ensino de ciências e de informática aplicada à educação.

Além desse projeto, denominado rede de docentes de apoio aos serviços comunitários, há o programa rede de usuários dos serviços educativos, que conta com a participação de 16 funcionários representantes das diversas unidades escolares. Eles são os responsáveis pelo diagnóstico da qualidade e avaliação de problemas dos serviços ou pela apresentação de sugestões que podem ser viabilizadas para a melhoria do atendimento. "O esforço da Assessoria de Assuntos Comunitários", afirma Glória, "envolve cada vez maior número de áreas da Unicamp, levando ao entrelaçamento dos vários segmentos do ensino e ao crescimento dos vários trabalhos". **(C.P.)**

Funcionários ganham um Serviço de Apoio

Os esforços em busca do aperfeiçoamento e da interação nos diversos níveis de uma instituição como a Unicamp — onde diariamente transita uma população estimada em 25 mil pessoas — incluem também os funcionários. Agora, a Universidade conta com um Serviço de Apoio ao Servidor (SAS), anunciado já na campanha eleitoral do reitor Carlos Vogt e instalado em janeiro último.

As propostas básicas do novo órgão são intermediar, otimizar e organizar as diversas políticas sociais da instituição destinadas aos funcionários. Entre os serviços que integram essas políticas estão o Centro de Convivência Infantil (Ceci), a creche dos funcionários da saúde, pré-escola, o Programa de Apoio à Escolaridade (Prodecad), os supletivos de primeiro e segundo graus, além do atendimento à saúde através do Centro de Saúde da Comunidade (Cecom). Inclui-se ainda o programa de moradia aos funcionários.

Outro objetivo do SAS é efetivar programas de treinamento para que os servidores melhor acompanhem, por exemplo, as mudanças na graduação, no programa de qualificação docente e outras deliberações do Conselho Universitário (Consu). De acordo com o reitor Carlos Vogt, "a Universidade não pode crescer apenas desenvolvendo atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. Se não houver também a qualificação profissional dos servidores, não haverá o equilíbrio necessário para que as atividades principais da instituição se realizem plenamente".

O Serviço de Apoio ao Servidor foi inspirado nos moldes do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), "que recentemente passou a ter um funcionamento mais adequado no que se refere ao apoio, orientação, integração e oferta de bolsas aos alunos", diz o reitor. O SAS é coordenado pelo funcionário Edison Lins, que traz a experiência de ex-presidente da Associação dos Servidores da Unicamp (Assuc). A atuação ocorre de forma conjunta e integrada com os órgãos que executam as políticas sociais da Universidade, como a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, a Prefeitura do campus, a Coordenadoria de Recursos Humanos, o Cecom e outros. **(C.P.)**

Entrevista: reitor Carlos Vogt

O primeiro quarto de século

Os primeiros 25 anos de vida da Unicamp — a serem completados no próximo 5 de outubro — chegam com o comando de seu destino nas mãos do lingüista e poeta Carlos Vogt, quinto reitor da instituição desde a posse de Zeferino Vaz, seu fundador. O jubileu chega num ano difícil para o país, mas a Unicamp, que não escapa ao contexto social, dá mostras de sua vitalidade. É sob a perspectiva histórica ampla deste quarto de século que o ***Jornal da Unicamp*** *ouviu o reitor, que em abril próximo completa seu primeiro ano de mandato.*

Jornal da Unicamp — A Unicamp completa um quarto de século em 5 de outubro próximo. Como se pode avaliar a aproximação deste primeiro jubileu?

Carlos Vogt — Os primeiros 25 anos da Unicamp têm um significado singular não só para nós, que integramos a sua comunidade, mas para todo o sistema universitário brasileiro. Podemos dizer isso sem falsa modéstia. Não creio que a América Latina apresente, em sua história de quatrocentos anos de ensino superior, um exemplo de projeto universitário que tenha surgido e florescido tão rapidamente e de forma tão homogênea. Deve-se levar em conta que as instituições de ensino e pesquisa, para amadurecerem e alcançarem plenitude, levam decênios seguidos e às vezes séculos. Na Europa, a história das grandes universidades se conta por séculos. A Unicamp, aos 25 anos, já está plenamente amadurecida em muitos aspectos e prova disso é sua capacidade de manter um diálogo permanente e vivo com as velhas instituições.

JU — Em sua opinião, o que distingue a Unicamp das outras universidades?

Carlos Vogt — Não é segredo para ninguém que no panorama universitário nacional — que inclui aí umas oitenta instituições — um papel especial é desempenhado pelas três universidades paulistas: USP, Unesp e Unicamp. Como se sabe, essas três respondem, sozinhas, por mais de 50% da pesquisa universitária brasileira. O que, se por um lado mostra certa pujança do sistema universitário paulista, por outro lado evidencia um desequilíbrio mais ou menos correspondente ao peso específico de São Paulo na federação. Claro que há boas universidades fora do Estado de São Paulo, como a Federal do Rio, a Federal de Minas, a Federal de Santa Catarina, a Universidade de Brasília e, em muitos aspectos, a Federal de Pernambuco. No momento, essas universidades vêm sofrendo — mais que as paulistas, certamente — o impacto da atual política governamental de enxugamento dos recursos públicos. De modo que, pelo que sei de outros reitores, o estado geral delas é de quase miserabilidade. Mas isto são circunstâncias — que infelizmente se perenizam —, as diferenças essenciais são outras. Creio que a principal delas reside no nível da qualificação do quadro docente. Outra, decorrente desta, é a capacidade per capita de pesquisa que se adiciona ao padrão acadêmico. E o fruto desta combinação é este: em nenhuma outra instituição universitária brasileira o binômio ensino-pesquisa se dá de forma tão indissociável.

JU — A Unicamp não seria, nesse caso, a última universidade brasileira a necessitar de um programa de qualificação nos moldes do "Projeto Qualidade"?

Carlos Vogt — Aí é que está. As ilhas de excelência têm de fazer um esforço suplementar permanente para não se renderem aos termos comparativos mais cômodos. Elas não podem correr o risco de serem engolfadas pela crise de qualidade generalizada que se apoderou da educação brasileira como um todo. Se elas não forem preservadas, então nada mais restará. E depois, veja bem, do ponto de vista da qualificação acadêmica estamos ainda longe do ponto de perfeição. Numa escala rigorosa de instituições de primeira linha internacional, nosso lugar, sob esse aspecto, situa-se quem sabe entre as universidades norte-americanas médias. Há um longo caminho a percorrer, portanto. Ainda hoje cerca de 900 de nossos 2.500 docentes contam tão-somente com a titulação de mestres. Mantenho acesa a expectativa de que em três ou quatro anos elevaremos nossos padrões de qualificação acadêmica aos melhores níveis do primeiro mundo. Não se trata de mero cartorialismo, como alguns podem ser levados a crer. A plena qualificação tem a ver com a plenitude acadêmica e com a superação de novos níveis de capacidade de pesquisa e de viabilidade de intercâmbio.

JU — Quinto reitor na linha de sucessão de Zeferino Vaz, o sr. acredita que a Unicamp, tal como se encontra hoje, corresponderia aos sonhos de seu fundador?

Carlos Vogt — Acredito sinceramente que Zeferino se surpreenderia com a dimensão e o prestígio de que a sua universidade goza hoje no país. Fisicamente, ela é pelo menos três vezes maior do que quando ele a deixou, há dez anos. Quer dizer, foi um crescimento extraordinário o que a Unicamp experimentou e continua experimentando. Veja bem, só no ano passado, apesar das dificuldades conjunturais da economia, foram acrescidos 80 mil metros quadrados ao patrimônio então existente — e temos outros 30 mil em andamento. Creio que ele ficaria muito satisfeito com a instalação do nosso Escritório de Transferência de Tecnologia, que vem buscando ampliar o número de contratos e convênios com o setor empresarial para o repasse de tecnologia. Mas, principalmente, estou certo de que viriam muito bem a seu paladar fortemente científico as cerca de 500 teses de mestrado e doutoramento defendidas em 1990 — mais de 10% das 4.200 apresentadas ao longo de todo o período de existência da Unicamp. Sem dúvida este é um dado extremamente positivo e que está aí a demonstrar a enorme vitalidade de que a instituição é capaz.

JU — Nesse sentido, o que se pode esperar do ano do jubileu, que será comprovadamente um ano difícil?

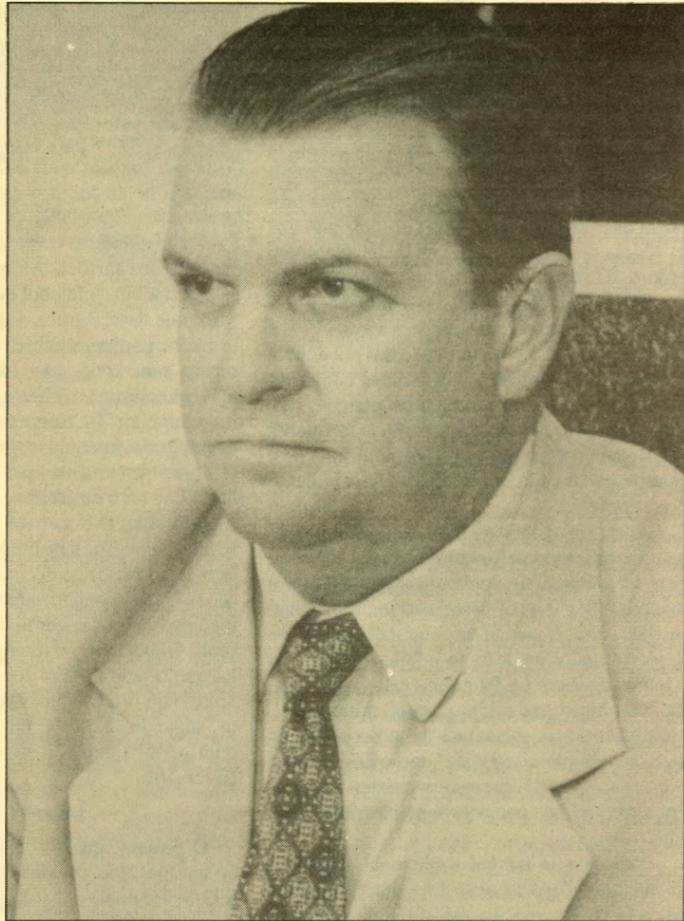
Carlos Vogt — Creio que se aplica bem aqui a frase de Albert Camus: "o otimista é um louco, mas o que desespera é insensato". A mim me parece adequada hoje em dia uma postura próxima do "pessimismo realista", que é uma face do realismo crítico. Foi em nome desse realismo que viemos tomando, desde abril passado, uma série de medidas de enxugamento da máquina administrativa com o objetivo explícito de salvaguardar os interesses essenciais da instituição. Assim, por exemplo, foram reduzidos em 20% os gastos de custeio da reitoria e da administração central. Outras medidas podem ter sido impopulares, como a da racionalização do sistema de transporte fretado, mas eram necessárias. Até questões pouco notórias como a do armazenamento alfandegário da Unicamp foram cuidadosamente revistas e racionalizadas, com apreciável economia de recursos. As unidades foram chamadas a colaborar, e estão colaborando. Não foi por acaso que se fechou o ano passado com um saldo positivo de Cr$ 100 milhões, modesto, é verdade, mas significativo num quadro geral de déficits e orçamentos depauperados. Atribuo a esse "realismo crítico" o fato de termos podido sobreviver dignamente o ano passado. Foi também isso que tornou possível preparar para o biênio 91-92 o investimento de cerca de US$ 3 milhões em novos títulos para o sistema de bibliotecas. Outra boa notícia para o ano é que neste primeiro semestre receberemos os últimos lotes dos equipamentos provenientes do "Projeto Eximbank", resultantes de um empréstimo de US$ 28 milhões totalmente direcionado para a pesquisa.

JU — O sr. não receia que o agravamento da crise econômica possa vir a comprometer o trabalho até agora realizado?

Carlos Vogt — Admito que a situação é preocupante, e prova disso são os mais de 60 mil novos desempregados em São Paulo só no mês de janeiro último. No caso específico das universidades, o sintoma mais agudo foram as sucessivas quedas da arrecadação do ICMS em dezembro (31%), janeiro (28,5%) e fevereiro (36,8%). Como se sabe, o orçamento das universidades estaduais paulistas é composto a partir de percentuais fixos do ICMS — no caso da Unicamp, 2%. Sua queda quase vertiginosa (conseqüência, naturalmente, da recessão econômica) teve um impacto inevitável sobre a questão dos salários, os quais, em relação aos salários de mercado, vinham se mantendo em patamares bastante satisfatórios. Resta-nos esperar que a economia volte a se aquecer. Seja como for, é evidente que a universidade sobreviverá a tudo isso. Já passamos por muitas crises e não é esta que vai nos abater. O Estado não desaparecerá nem suas instituições. Naturalmente subsistirão melhor aquelas que, após a crise, tiverem conservado intactos os elementos de sua integridade institucional.

JU — Como será comemorado o ano do jubileu?

Carlos Vogt — De forma simples porém marcante, como convém à época. Há uma comissão trabalhando na organização dessas atividades, que serão divulgadas muito em breve. Mas posso adiantar que o núcleo das celebrações será um importante encontro sobre Educação a ser realizado em outubro, mês do aniversário. (E.G)

Castello e Zeferino em 1966: pedra fundamental.

Vogt: aos 25 anos, uma universidade amadurecida.

Cronologia da Unicamp

1966 *Lançamento, a 5 de outubro, da pedra fundamental da nova universidade, numa gleba de 30 alqueires a 12 quilômetros do centro urbano de Campinas.*

1967 *Começa a construção do campus: instalam-se o Instituto de Física, o Instituto de Química e a Faculdade de Engenharia de Alimentos e Agrícola.*

1968 *Cria-se o Departamento Econômico e Social que se desdobraria mais tarde no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Incorpora-se a Faculdade de Odontologia de Piracicaba.*

1969 *Instalam-se o Instituto de Biologia e a Faculdade de Engenharia de Campinas, bem como integra-se a Faculdade de Engenharia de Limeira.*

1970 *A Unicamp começa a firmar-se como um importante centro de pesquisas, de pensamento e cultura, reunindo nomes como César Lattes, Sérgio Porto, André Tosello, Gleb Wataghin, Vital Brazil, Marcelo Damy, Giuseppe Cilento e outros.*

1971 *Nasce a Faculdade de Educação.*

1976 *Constitui-se o Instituto de Estudos da Linguagem, graças ao desmembramento do Departamento de Lingüística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.*

1977 *Nasce a Associação de Docentes da Unicamp.*

1978 *Termina a administração pro tempore do reitor Zeferino Vaz. Assume a reitoria o odontólogo Plínio Alves de Moraes.*

1979 *Em atividade desde 1970, o Departamento de Música passa à condição de Instituto de Artes.*

1981 *Morre Zeferino Vaz a 19 de fevereiro. Em outubro a Unicamp entra em grave crise institucional. O governo do Estado decreta intervenção na instituição.*

1982 *O médico José Aristodemo Pinotti torna-se o terceiro reitor da Unicamp, dando início à ampliação física do campus.*

1983 *Instala-se a Prefeitura do campus. Dá-se início às discussões para a reforma institucional da Universidade.*

1984 *Cria-se o Instituto de Economia. São retomadas antigas obras paralisadas.*

1985 *Instalam-se as Faculdades de Educação Física e de Engenharia Agrícola, esta desmembrada da Faculdade de Engenharia de Alimentos.*

1986 *O economista Paulo Renato Costa Souza assume como o quarto reitor da Universidade. É adquirido das indústrias Monsanto um importante centro de pesquisas nas proximidades do campus, logo transformado no Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA). Instala-se o Conselho Universitário, assinalando o início da maioridade institucional da Unicamp.*

1987 *A Unicamp reformula inteiramente seus exames vestibulares.*

1988 *Instala-se o primeiro curso noturno da Unicamp, o de Matemática. Cria-se o Centro de Engenharia de Petróleo.*

1989 *Inicia-se importante processo de reequipamento de laboratórios. Inaugura-se a nova Biblioteca Central. A Unicamp, assim como as demais universidades estaduais paulistas, ganha autonomia institucional e financeira.*

1990 *Assume como quinto reitor o poeta e lingüista Carlos Vogt. Instala-se o Escritório de Transferência de Tecnologia. Inicia-se um processo de enxugamento da máquina administrativa. Deflagra-se um programa de qualificação docente, o "Projeto Qualidade". Constroem-se 80 mil m2 de obras físicas no campus.*

Unicamp pensa o novo futebol

Regras mais ágeis para tornar mais atraente o chamado esporte das multidões.

Os professores Idico Luiz Pelegrinotti e Wagner Wey Moreira, da Faculdade de Educação Física da Unicamp, elaboraram uma proposta que, se adotada, altera substancialmente as regras de jogo daquele que é considerado o esporte das multidões: o futebol. O projeto, denominado "Futebol evolução: o humano, a técnica e o espetáculo", reescreve nove das 17 leis desse esporte. Para os autores, essas novas propostas não devem ser consideradas como um fim, mas sim como um importante passo no sentido de refletir acerca da estrutura do futebol que é praticado no momento. Segundo eles, um esporte que a cada dia se revela mais violento e competitivo.

Do tempo de jogo ao número de árbitros em campo, passando pelos cartões de advertência, poucas normas do futebol tradicional foram mantidas. Segundo os pesquisadores, a primeira medida, para fazer do futebol um esporte que desperte maior atenção do público, foi alterar o tempo de jogo. Os 90 minutos do futebol tradicional foram reduzidos para 60 minutos (divididos em duas etapas) de tempo corrido, ou seja, a cada paralisação de jogo o árbitro pára o cronômetro. "É preciso combater o antijogo, a exemplo do que ocorre no basquete", diz Ídico.

Enquanto no futebol tradicional o número de substituições está restrito a duas por partida, o futebol evolução não põe limites à troca de jogadores. Vinte atletas são inscritos por partida, sendo que 11 começam jogando e nove permanecem no banco de reservas. O técnico tem a liberdade de trocar os jogadores quantas vezes desejar. Segundo os pesquisadores esse procedimento favorece a criatividade técnica e elimina a figura do reserva permanente.

Futebol-arte

No que diz respeito às infrações técnicas, as alterações foram substanciais. Para que se jogue o futebol-arte e se elimine o antijogo, as novas regras determinam que cada atleta poderá cometer somente quatro faltas por partida. Na quinta infração o atleta que a cometeu é automaticamente substituído, só podendo retornar a campo na partida seguinte. O regulamento estabelece ainda que a quinta falta por equipe em cada tempo de jogo pode ser fatal. O jogador que sofreu a infração ou o capitão do time tem direito a tiro livre direto, com a bola colocada em qualquer posição da meia-lua sem a presença de barreira. "É preciso estabelecer critérios para favorecer o gol", afirma Wagner. Jogadas que não busquem exclusivamente a bola, como o carrinho, também são proibidas.

Outra alteração contida no regulamento diz respeito aos cartões. Além dos cartões amarelo e vermelho, o futebol evolução cria o cartão azul, que desclassifica o atleta da partida, permitindo, porém, a substituição. O cartão vermelho tem conotação mais severa: quando aplicado elimina o atleta não apenas da partida mas também do campeonato. O amarelo, a exemplo do futebol tradicional, é a advertência que normalmente antecede o cartão vermelho. O número de árbitros também foi alterado: o tradicional trio formado por um juiz e dois bandeirinhas foi substituído por dois árbitros com igual poder de decisão. Para os pesquisadores o acompanhamento próximo ao lance de jogo permite aos juízes tomar decisões mais corretas. Finalmente, o futebol evolução determina que o lateral deve ser efetuado com o pé, através do tiro livre indireto. Esse procedimento, segundo Ídico, permite que a bola chegue com maior rapidez à zona de perigo do time adversário.

Laboratório

O projeto, que foi apresentado em agosto do ano passado em Piracicaba, no Congresso S.O.S. Futebol, é resultado de uma experiência realizada dentro e fora do campo. Num primeiro momento, os professores da Unicamp, que também são assessores da Coordenadoria de Esportes, Turismo e Lazer da Prefeitura Municipal de Piracicaba, promoveram discussões com professores de educação física e esportistas ligados a centros comunitários e clubes da cidade. Nesse encontro, os autores do projeto procuraram detectar os problemas relacionados com o futebol que mais afligiam a comunidade. Entre as reclamações pode-se destacar o exagerado espírito de competição somado à agressividade dos jogadores, que culmina em jogos truncados e pouco atraentes.

A segunda experiência consistiu na organização de um torneio de futebol infantil com a participação de garotos de 14 a 15 anos. Com as novas regras em vigor, o campeonato, segundo os organizadores, teve saldo positivo. O torneio foi disputado por 11 equipes (cada partida teve dois tempos de 15 minutos cronometrados) que realizaram 29 jogos. Os números finais foram estes: 103 gols marcados (média de 3,55 por partida); 249 faltas cometidas (média de 8,58); 12 cartões amarelos, dois azuis e somente um vermelho.

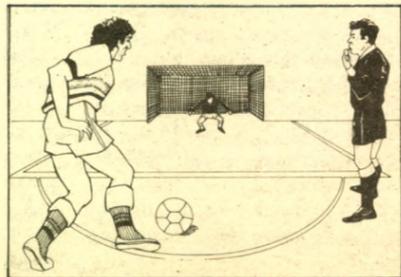
A apresentação causou impacto. O presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Eduardo José Farah, presente ao congresso, pôs o projeto na pasta e menos de um mês depois lançava em São Paulo um torneio com base nas novas regras. A realização do campeonato, segundo os pesquisadores da Unicamp, não alcançou o resultado esperado. "O presidente da FPF cometeu um sério deslize: não promoveu discussões prévias com os envolvidos no campeonato", afirma o professor Wagner. Os jogadores entraram em campo sem o conhecimento suficiente das novas regras.

Segundo Ídico e Wagner, reside aí o ponto nevrálgico do projeto. As novas regras somente serão assimiladas se houver consenso entre os jogadores, técnicos e dirigentes. Com base nessas premissas, os professores da FEF pretendem realizar neste ano outros campeonatos. "É a maneira mais adequada para melhor avaliar essas inovações", acreditam. Trabalho nesse sentido vem sendo realizado em clubes de Piracicaba, que promovem campeonatos de futebol *society* e, na Coordenadoria de Esportes da cidade, órgão responsável pela realização do campeonato juvenil. **(A.C.)**

Alterações propostas

O árbitro deve manter o cronômetro desligado quando a bola estiver parada.

O lateral deve ser batido com o pé através de tiro livre indireto.

O atleta que cometer cinco faltas será automaticamente substituído.

Após a quinta falta, o tiro será livre e direto, dentro da meia-lua.

Ídico e Wagner: alterar as regras para valorizar o espetáculo.

O imaginário dos contos de fadas

Pesquisa mostra que velhas histórias infantis ainda permanecem no inconsciente coletivo.

Zula e Joel: narrativas vivas.

"Era uma vez uma bela menina que sempre vestia uma capa vermelha com capuz e por isso todos a chamavam de Chapeuzinho Vermelho. Um dia sua mãe lhe pediu que fosse à casa da vovozinha levar uma cesta com guloseimas, porque uma forte gripe a deixara de cama..." Do reino encantado das narrativas infantis, a seqüência dessa estória — em que também aparecem o lobo mau e o caçador — está entre as que ainda permanecem vivas na memória das pessoas. É o que indica uma pesquisa realizada pelos pós-graduandos de Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp sobre o conteúdo simbólico dos contos maravilhosos.

Entre outros aspectos, aos pesquisadores interessava saber "se os meios de comunicação de massa, voltados a objetivos imediatos e comerciais, teriam conseguido abafar os contos de fadas enquanto manifestação do inconsciente coletivo". Para o trabalho de campo os 20 alunos entrevistaram 50 pessoas com idade entre 5 e 81 anos e procedentes de diferentes locais: 22% de Campinas, 49% da capital e do interior do Estado, 10% de Minas Gerais, 12% de outros Estados e ainda dois estrangeiros — um boliviano e um francês. Do total, 83% eram do sexo feminino. A escolaridade era diversificada, sendo 14% alfabetizados, 36% no primeiro grau, 11% no segundo grau, 36% na universidade e 3% cursando a pós-graduação.

Fato que surpreendeu os coordenadores da pesquisa iniciada em 1988 foi que a totalidade dos entrevistados lembrou vivamente de algum conto de fadas. Segundo o psiquiatra Joel Sales Giglio, responsável na FCM pelas disciplinas da pós-graduação que enfocam o conteúdo simbólico, 20% das pessoas abordadas não conseguiram lembrar quem lhes havia relatado o conto mais marcante de sua infância. Outras 46% relataram que tinham ouvido a estória predileta de pais ou parentes, 32% a recordavam de contos de livros e 2% de narrativas que ouviram em discos ou assistiram pela televisão. No final somaram-se 38 contos, a grande maioria clássicos da literatura infanto-juvenil. Aos pesquisadores ficou evidente que os contos de fada estão sobrevivendo à sociedade tecnológica e são imortalizados pela tradição oral e escrita.

De Chapeuzinho ao Patinho Feio

Transmitidos de geração a geração e registrando situações encontráveis em quase todos os folclores — aspecto que se denomina de inconsciente coletivo —, esses foram os contos mais mencionados durante a pesquisa da FCM: *Chaupezinho Vermelho*, em primeiro lugar, seguida de *João e Maria*, *Branca de Neve e os sete anões* e *Rapunzel*, ficando em terceiro *O flautista mágico* e *O Patinho Feio*. Algumas têm sua origem no folclore indo-europeu, cujos textos remontam a seis séculos antes da era cristã, tendo sido adaptadas para servir a uma determinada finalidade social. Esse aspecto pôde ser verificado na pesquisa a partir das diversas versões de um mesmo conto. Os aspectos cruéis, por exemplo, em muitas narrativas foram eliminados com o passar do tempo, lembra a psicóloga Elisabeth Bauch Zimmermann, com especialização analítica pelo Instituto C.G. Jung de Zurique (Suiça) e colaboradora dessa pesquisa.

Alguns dos principais símbolos constatados nas fábulas mais citadas foram: a avó de Chapeuzinho representa o entardecer, a bruxa da estória de *João e Maria* é a figura da mãe maldosa, em *Branca de Neve e os sete anões* a perda da mãe pode significar a sombra da inveja, assim como a floresta onde vivem os anões simboliza a mãe boa e acolhedora.

Enquanto patrimônio da humanidade, no inconsciente coletivo dos contos de fadas os reis podem perfeitamente ser considerados como o ponto mais alto de uma cultura. Os símbolos, de acordo com os estudiosos, guiam elementos do inconsciente para o consciente, mesmo através do medo e da tragédia. Além disso, fazem com que o mundo da fantasia seja fundamental para a estruturação e o desenvolvimento da personalidade da criança, despertando emoções e apontando soluções para problemas existenciais.

Análise psico-pedagógica

A pesquisadora do Núcleo de Estudos Psicológicos (NEP) da Unicamp, Zula Garcia Giglio, graduada em Letras, há algum tempo desenvolve trabalhos relacionando a questão da criatividade e a comunicação semiótica. Com base em suas experiências, analisou os aspectos psico-pedagógicos dos contos maravilhosos. Ela constatou, por exemplo, que "do ponto de vista pedagógico a principal função realiza-se no nível afetivo, pelas oportunidades que os contos oferecem às crianças para lidarem simbolicamente com seus impulsos agressivos, suas culpas, desejos, medos e outros aspectos do seu mundo interno", relata a pesquisadora.

"Algumas adaptações de contos maravilhosos constituem uma adulteração, que priva o ouvinte ou leitor dos benefícios no contato com a estória", diz. Zula lembra, no entanto, que na sala de aula muitas atividades educativas vêm pôr acréscimo à narração de uma estória, como técnicas de pintura ou desenho.

No que se refere ao ponto de vista psicológico-afetivo não é só a criança que se beneficia do contato com os contos maravilhosos, mas também os adolescentes, diz Zula. Fato que pode demonstrar isso é que o estudo das histórias infanto-juvenis indica que alguns gêneros literários, com o romance policial e a ficção científica, têm suas raízes nos contos maravilhosos. Outras entre as tantas funções das estórias infantis são a de veicular ensinamentos éticos segundo os códigos do grupo em que são narradas, ou então de servir como entretenimento na escola ou no lar. Além disso, o prazer de um texto rico em detalhes propicia ao receptor da estória a oportunidade de viajar em si mesmo, conhecendo suas forças interativas e seu ambiente. **(C.P.)**

Ilustração: Grandi Piccoli Libri — Le Belle Novelline.

Camponesas e duendes povoam o imaginário do interior da Itália.

FIT abre sua segunda edição

Festival reúne em Campinas grupos da Europa, África, Japão e América Latina.

Campinas pode se tornar a capital internacional do teatro. Importante passo nesse sentido acaba de ser dado pela Unicamp e pela Prefeitura Municipal que confirmaram a realização do 2º Festival Internacional do Teatro (FIT) entre 20 e 31 de março próximo. A exemplo do ano passado, o público terá a oportunidade de assistir a uma mostra da produção teatral de países de diferentes cantos do mundo.

Para o diretor-geral do FIT, Marcos Kaloy, a confirmação da segunda edição do evento é uma demonstração clara da preocupação das autoridades em fazer de Campinas o que já vem ocorrendo com outras cidades brasileiras como Gramado, que se converteu na capital nacional do cinema, e Piracicaba, que é hoje a capital nacional do humor. Segundo ele, o êxito do 1º festival, realizado em abril do ano passado, foi o requisito necessário para a reedição do evento.

Nesse sentido, a organização do FIT, composta por profissionais da Unicamp e da Secretaria Municipal de Cultura, preocupou-se em trazer a Campinas atores e diretores que estão inseridos em espetáculos de grande projeção nos países de origem bem como nas turnês internacionais por eles realizadas (*ver box ao lado*). De acordo com Kaloy, este ano a prioridade será para os grupos internacionais, permitindo assim intercâmbio entre profissionais do Brasil e do exterior.

Atividades diversificadas

O FIT será dividido basicamente em mostra oficial, mostra paralela, *workshops* e oficinas de montagem. A mostra oficial será quase que puramente composta por espetáculos internacionais que serão distribuídos nos palcos do Centro de Convivência Cultural, Teatro Castro Mendes, Teatro de Arena e Colégio Evolução — todos em Campinas.

Simultaneamente à mostra oficial será realizada a mostra paralela, que abrirá espaço para grupos de Campinas, região e, eventualmente, de outros Estados que tenham algum trabalho interessante a ser apresentado. Essas exibições acontecerão em espaços alternativos como Centro de Ciências, Letras e Artes, Sala Carlos Gomes, Auditório Beethoven (Centro de Convivência), Bar Ilustrada, Sindicato dos Bancários, Museu Carlos Gomes e Largo do Rosário. Os grupos que integram a mostra paralela passaram por um processo de seleção.

As oficinas de montagem foram alvo de grande atenção por parte dos organizadores do festival. "É a oportunidade que oferecemos a atores nacionais para que tenham um contato mais íntimo com as técnicas desenvolvidas por renomados profissionais do exterior", acredita Kaloy. Para esse evento ele convidou o canadense Larry Tremblay, o grupo peruano Yuyachkani, a japonesa Natsuo Nakajima e o italiano Maurício Paroni de Castro, que esteve recentemente em Campinas quando falou sobre o teatro experimental que ele desenvolve no Centro di Ricerca Teatrale (CRT) de Milão. Cada um desses convidados trabalhará separadamente com sua equipe durante 15 dias. As oficinas serão desenvolvidas a partir de projetos elaborados especialmente para o FIT. O resultado final integra a programação da mostra oficial.

Haverá também uma série de *workshops* a serem ministrados por atores e diretores que fazem parte de grupos que estejam se apresentando na mostra oficial. O resultado final, porém, não será apresentado durante o festival. Paralelamente a essa programação, a organização elaborou uma série de atividades que integram o teatro às diferentes formas de manifestação de arte. Fotografia, artes plásticas, música, dança, arte postal são algumas das atividades que estarão abertas ao público.

O FIT nasceu de uma preocupação de profissionais do Instituto de Artes da Unicamp em promover um intercâmbio cultural entre Brasil e exterior no campo da arte teatral. A idéia foi encampada pela Universidade no início de 89 e em julho do mesmo ano promoveu a Mostra Internacional de Teatro. O evento foi o balão de ensaio que culminou no ano seguinte com a primeira edição do Festival Internacional do Teatro. Hoje, a idéia ganhou corpo e foi inserida oficialmente no calendário elaborado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas. Os ingressos para os espetáculos do 2º FIT serão vendidos ao preço de Cr$ 1.000,00. A programação oficial, bem como outras informações, podem ser obtidas pelo telefone (0192) 39-3803. **(A.C.)**

Foto: Paco Salinas.

O grupo Zotal, da Espanha: trabalho baseado em técnicas circenses.

Algumas das atrações internacionais do festival

Larry Tremblay (Canadá) — *Fundador do Laboratório Gestual da Universidade de Quebec. Conhecedor das técnicas do teatro indiano de gestos (Kathakali), Larry utiliza sua técnica para expressar num teatro moderno a discussão sobre a condição dos corpos na sociedade atual. Segundo ele, trata-se de um trabalho de pesquisa na linguagem da mímica.*

N'Gewell Sap Saf (Senegal) — *Grupo senegalês que trabalha o teatro como missão para preservar segredos e costumes do povo para transmiti-los aos seus filhos e reis. O objetivo é conhecer suas origens e imprimir orgulho ao caráter e à dignidade de seu povo. Os integrantes do grupo são músicos de uma mesma família (kouate), cuja tarefa é apresentar variada gama de ritmos e danças da África.*

Stephen Mottram (Inglaterra) — *Profissional marionetista, Stephen Mottram faz de suas marionetes uma espécie de máscara através da qual ele se comunica com o público usando a sintonia entre expressão e movimento. Suas apresentações incorporam movimentos, músicas e esculturas, envolvendo não só o público infantil como também o adulto. O artista participa do FIT a convite do Conselho Britânico e da Cultura Inglesa.*

Yuyachkani (Peru) — *Grupo peruano que através de um trabalho de dança, música e canto, vem contando sua história em bares, praças, escolas e teatros.*

Zotal (Espanha) — *Grupo formado em 1981 na Catalunha, o Zotal caracteriza-se por um trabalho baseado em técnicas circenses. O espetáculo Zombi, a ser apresentado no FIT, foi alvo de grandes elogios da crítica européia. O grupo participa do FIT a convite do Memorial da América Latina.*

Joans Evans (Estados Unidos) — *Aplaudido pela crítica internacional por suas criações macabras, a artista norte-americana tem percorrido o mundo exibindo seu trabalho caracterizado por danças e movimentos.*

Yves Lebreton (França) — *Mímico francês que propõe inovar na técnica e na mensagem. Foi apontado pela crítica internacional como um poeta que exprime com gestos os símbolos da nossa era.*

Participarão ainda do 2º FIT: Natsuo Nakajima (Japão), Leonore Ickstadt (Alemanha), Nestor Saied (Itália), Tony Cots (Espanha), Mamulengo Sorriso (Brasil), Maurício Paroni de Castro (Itália). Constam também do programa o Teatro Dos (Chile) e Ariel Bufano (Argentina), ambos a convite do Memorial da América Latina. **(A.C.)**

Bonecos de Piracicaba inspiram dramaturgo

Pesquisa teatral será financiada por bolsa da Fundação Vitae.

Eles podem ser vistos em diversos pontos da cidade. A maioria, entretanto, se concentra às margens do lendário Rio Piracicaba, onde fingem pescar. Outros espalham-se ao longo da rua do Porto, um dos pontos turísticos de Piracicaba, descansando em velhas cadeiras ou dormindo nos gramados. São bêbados, operários, velhos ou torcedores de futebol. Alguns arriscam passos de lambada, enquanto outros se juntam para um jogo de cartas.

Vistos de longe, parecem pessoas. De perto, verifica-se que são apenas bonecos. A primeira reação é de espanto; a segunda de curiosidade. Fato que se repete há quase vinte anos, desde que o carroceiro aposentado Elias Rocha, de 60 anos — conhecido em Piracicaba como o "Elias dos Bonecos" —, construiu sua primeira personagem. Daí em diante, foram se incorporando à história da cidade, que, por sua vez, se confunde com a história do rio que leva o mesmo nome.

Velhos tempos

O que o velho Elias não sabia — e nem podia saber, claro — é que um dia seu trabalho seria objeto de uma pesquisa que culminaria com a elaboração de uma pesquisa e de um texto dramático. E que essa mesma pesquisa valeria a seu autor — Reinaldo Santiago, professor da disciplina de Interpretação do Departamento de Artes do Instituto de Artes (IA) da Unicamp — a mais cobiçada bolsa para a realização de trabalhos independentes no País: as Bolsas Vitae de Artes, concedidas anualmente pela Fundação Vitae, de São Paulo, nas áreas de literatura, artes visuais, música, dança, cinema e fotografia.

Santiago: projeto premiado.

A idéia do projeto Beira Rio — título do trabalho de Santiago — surgiu por acaso, durante uma caminhada pelas proximidades da rua do Porto. Conta Santiago que, incrédulo, ficou observando aquelas figuras no meio do rio, sem saber ao certo do que se tratava, se eram gente ou bonecos, de tão perfeitos. "Senti que havia toda uma mitologia a respeito do Rio Piracicaba, uma história que há muito faz parte da vida das pessoas", diz o pesquisador. Para ele, os bonecos — figuras rústicas, com rostos de napa, olhos e boca desenhados com tinta branca — "parecem estar em constante estado de vigília, vivenciando as transformações da vida do rio, outrora uma das grandes atrações proporcionadas pela cidade", ressalta. São figuras que nunca deixam de despertar a curiosidade e o interesse das pessoas que passam por lá: pescadores, crianças que brincam, famílias que assistem à passagem do rio, "personagens dos velhos tempos de fartura, testemunhas de uma época onde o rio era limpo e os peixes 'paravam'. São bonecos-pescadores, fincados na beira do rio à espera do peixe que nunca vem".

Morador da rua do Porto, à beira do Rio Piracicaba, o velho Elias, segundo Santiago, tenta, através de suas lembranças, reatar os laços de sua identidade cultural. "Ele dá vida às suas personagens, que habitam suas memórias através dos bonecos feitos de sucata, como galhos de árvores, pedaços de arame, pneus e roupas velhas. E um observador de seu tempo. Suas figuras têm o poder de denúncia, da crítica social", avalia.

Elias dos Bonecos: vida no rio.

Lenda viva

Essa é a primeira vez que Santiago, diretor do grupo *Lux in Tenebris*, tem um projeto financiado pela iniciativa privada. Agora, com uma remuneração mensal oferecida pela Fundação Vitae, entre 1,2 mil e 2,4 mil BTN (com a extinção desta o prêmio será convertido em cruzeiros), ou 126.640,00 a 253.280,00 (com base nos índices de janeiro), Reinaldo Santiago terá a oportunidade de concluir o texto da peça num prazo de dez meses. Por enquanto prefere não pensar no processo de montagem, que deverá ter dez atores em cena. Mesmo porque, atualmente, concentra toda sua atenção no trabalho de pesquisas em Piracicaba, principalmente com o velho Elias Rocha, "lenda viva" e principal fonte de seu projeto.

Santiago deverá recorrer a arquivos da cidade para o levantamento de dados mais específicos. Mas, como diz, "as informações mais importantes e precisas são aquelas obtidas junto às fontes vivas, no caso as memórias de Elias e de pescadores que freqüentam — ou freqüentaram — as margens da rua do Porto". Sua maior preocupação agora é com a elaboração do texto de Beira Rio, que deve ser um texto de qualidade, de conteúdo. "Apesar de ter pela frente ainda quase dez meses, não posso fazê-lo às pressas, simplesmente aproveitando o calor, a euforia do prêmio", explica. Beira Rio, segundo ele, deverá ir ao palco até o final do ano. Por enquanto prepara a estréia de um outro espetáculo: *Entre dois carnavais*, baseado num conto — "O Casal Orlov" — do russo Máximo Gorki, que deverá entrar em cartaz em abril, no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo. O espetáculo tem como pano de fundo a gripe espanhola que assolou o mundo entre os carnavais de 1918 e 1919.

Com relação à bolsa da Fundação Vitae, Santiago diz que essa "é uma das mais importantes iniciativas promovidas pelo setor privado. A Fundação aposta no escuro, não obriga que se monte um espetáculo, mas apenas que se pesquise e produza um texto. Isso não existe fora do mundo acadêmico", diz.

Além de Santiago, outro docente da Unicamp foi contemplado com bolsa da Fundação Vitae. É o filósofo Nelson Brissac Peixoto, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Brissac desenvolve pesquisas sobre paisagens urbanas. **(A.R.F.)**

EM DIA

Aula inaugural — uma antiga tradição dos cursos de humanidades volta a ganhar espaço no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Por iniciativa da nova direção da unidade acadêmica, no dia 13 de março haverá a aula inaugural do primeiro período de 1991 com a participação da linguísta Cláudia T.G. de Lemos. Coordenadora de pós-graduação do IEL, escolheu o tema "Saber a língua e o saber da língua", uma vez que se trata de um assunto vinculado de forma intrínseca aos valores e objetivos dos estudos da linguagem. Será às 10h30, no auditório do IEL.

Cebrap — Desde janeiro último o sociólogo Vilmar Evangelista Faria, professor titular do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, é o novo presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) — instituto de pesquisa que durante o regime militar tornou-se reduto de intelectuais cassados. Ele sucede ao filósofo José Arthur Giannotti e permanece no cargo por quatro anos. Faria pretende estreitar as relações entre o Cebrap e as universidades, assim como consolidar os vários grupos de pesquisa do instituto — cultura e política, economia brasileira, economia e Estado, história, política, população e sociedade, e filosofia e política. Nos anos de 1982 e 1983, Faria já havia sido o diretor da instituição. Sua principal linha de pesquisa é a miséria no Brasil.

Livraria — A Editora da Unicamp inaugurou, dia 6 de fevereiro, uma livraria dentro da Biblioteca Central da Universidade. Aberto ao público das 9 às 16h30, o novo espaço conta com 200 títulos da própria editora que abrangem as áreas de medicina, engenharia, matemática, arte e literatura. A comercialização de outros títulos, encontrados em livrarias da região e outras instituições de ensino, está em fase de planejamento. Com a iniciativa a Unicamp espera dobrar o seu volume de vendas, que chegou a vinte mil exemplares no ano passado.

CURSOS

Automação e manufatura — As faculdades de Engenharia Mecânica e Elétrica promovem no período de 4 de março a 13 de dezembro o Curso de Extensão em Automação da Manufatura. O curso visa à capacitação de profissionais na utilização mais eficiente das tecnologias de manufatura buscando maior produtividade, flexibilidade, melhor qualidade e redução dos custos de produção e bens manufaturados. Destina-se a graduados de nível superior em áreas ligadas às de automação da manufatura, como engenharias elétrica, mecânica, de computação e de produção. Mais informações pelos telefones 39-8690 e 39-7090.

LIVROS

Um olhar crítico sobre o nosso tempo — uma leitura da obra de José J. Veiga, de Agostinho Potenciano de Souza. Tese de mestrado do autor, o livro desenvolve uma leitura dupla: uma sobre a obra de José J. Veiga, autor de *Os pecados da tribo*, *Aquele mundo de vasabarros*, entre outros, e outra do Brasil contemporâneo, principalmente sobre o terror e a opressão abusiva do poder constituído sobre as pessoas. Editora da Unicamp.

Proálcool: a única alternativa para o futuro, de Rogério Cerqueira Leite. Volume da Coleção Momento, o livro, já na terceira edição, procura repensar alguns preconceitos e esclarecer mal-entendidos sobre o Programa Nacional do Álcool. Trata-se de uma obra que, segundo o autor, "não encerrará o debate sobre a questão do álcool enquanto fonte de energia alternativa, mas esclarecerá algumas dúvidas e abalará algumas certezas". Editora da Unicamp.

A crise do capital: os fatos e sua interpretação marxista, de Ernest Mandel. Numa tradução de Juarez Guimarães e João Machado Borges o livro de Mandel investiga as recessões de 1974/75 e 1980/82 "tanto no seu aspecto histórico preciso — a ruptura com o longo período de expansão do pós-guerra — quanto no quadro mais geral da história do modo de produção capitalista em seu conjunto", decidido a propiciar a integrabilidade dos mesmos enquanto fenômenos produzidos pela "lógica imanente do sistema". Editora da Unicamp/Editora Ensaio.

Enunciação & Diálogo, de Eleni J. Martins. Trata-se de um trabalho sobre a enunciação, sua estrutura e dinâmica e a configuração semântica que faz dela um diálogo. Procura considerar na enunciação posições do sujeito e os aspectos sociais nela relacionados. Para isso recorre-se à teoria dos atos da fala, à teoria da enunciação e à análise de discurso. Editora da Unicamp.

Educação escolar no Brasil: problemas, reflexões e propostas, de Paulo Rennes Marçal Ribeiro. O referido trabalho mostra o resultado da ação do autor enquanto professor no curso de magistério. O autor procura levar o leitor a tomar posições, a partir de leituras realizadas, discutindo sempre a realidade. "Trata-se de um questionamento diante da vida, da prática, da verdade e do cotidiano" — afirma no prefácio a professora Raquel Guzzo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. O livro poderá também auxiliar na formação de professores reflexivos e críticos para atuação no campo da educação. Paulo Marçal é psicólogo graduado pela PUC-Campinas, mestre pela Faculdade de Educação da Unicamp e desenvolve atualmente seu programa de doutoramento na área de saúde mental junto à Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Editora da Unesp (Coleção Textos).

Pequeno e grande capital: problemas econômicos do tamanho das empresas, de Josef Steindel. Traduzido pelo professor Tamás Szmrecsány, o livro, da série "Teoria Contemporânea", publicado pela primeira vez em 1945, analisa de forma objetiva um problema de perene atualidade: o significado econômico do tamanho das empresas. Partindo do caráter e dos efeitos das economias de escala, detém-se no exame das estruturas de mercado, dos custos financeiros e das taxas de lucratividade. Contrapõe os elevados riscos que ocorrem nas pequenas empresas aos fatores responsáveis pela sobrevivência delas num contexto de crescente concentração e centralização de capitais. Trabalho de grande utilidade para cursos de microeconomia industrial. Editora da Unicamp/Editora Hucitec.

Trabalho sedentário: um problema para a saúde do trabalhador, de Antonio Carlos Francischetti. Focaliza a problemática da saúde do trabalhador tendo em vista o crescente avanço tecnológico. Analisa criticamente a exploração do ritmo imposto ao trabalhador pela automação, resgatando elementos históricos referentes à mercantilização do corpo após a Revolução Industrial. Discute a participação do profissional em Educação Física a partir de uma visão crítica das condições sociais da realidade em que atuará, numa perspectiva teórica e prática, apontando para a necessidade de pesquisas interdisciplinares que tenham como objetivo de estudo as necessidades básicas do trabalhador. Editora Unicamp.

A construção discursiva do povo brasileiro, de Maria Emília A.T. Lima. Faz uma análise discursiva de fontes que permitem chegar a um melhor conhecimento da história do populismo. Analisa ainda um período da história do Brasil que precede o chamado "populismo brasileiro", pondo em relação populismo e o movimento operário de origem anarquista. A obra traz ainda um estudo sobre imprensa anarquista e os discursos de 1º de Maio de Getúlio Vargas. Um livro para historiadores, antropólogos, lingüistas, analistas de discursos e cientistas políticos. Editora da Unicamp.

TESES

Engenharia Elétrica

"Projeto e construção de uma fonte de tensão programável controlada por microcomputador" (mestrado). Candidato: Gilmar José Sinhorin. Orientador: professor José Antonio Siqueira Dias. Data: 4/2.

"Projeto de um demodulador síncrono de freqüência utilizando o fenômeno "injected--locking" (doutorado). Candidato: Elnathan Chagas Ferreira. Orientador: professor Alberto Martins Jorge. Data: 7/2.

"Projeto e implementação de amplificadores distribuídos para recepção de sinais de alta velocidade" (mestrado). Candidato: Oswaldo Pedreira Paixão. Orientador: professor Rui Fragassi Souza. Data: 7/2.

"Controle adaptativo para processos multivariáveis: Aspectos teóricos e simulação" (doutorado). Candidato: Antonio Augusto R. Coelho. Orientador: professor Wagner Caradore do Amaral. Data: 9/2.

"Sistema de aquisição de dados controlado por microprocessador para sinais na faixa de frqüência de 0 a 50 khz" (mestrado). Candidato: Josué Vieira Filho. Orientador: professor José Geraldo Chiquito. Data: 14/2.

"Um sistema especialista para verificação de regras de um projeto elétrico em circuitos integrados de tecnologia CMOS VLSI" (mestrado). Candidato: Tulio Ibanes Nunes. Orientador: professor Furio Damiani. Data: 15/2.

"Análise e aspectos de especificação do gerenciamento de redes locais industriais segundo o padrão MAP" (mestrado). Candidato: Ruy Carvalho de Barros. Orientador: professor Manuel de Jesus Mendes. Data: 20/2.

"Ferramenta de aquisição de conhecimento por modelos explícitos" (mestrado). Candidato: Marcos Melo Schiavini. Orientador: professor Márcio Luiz de Andrade Neto. Data: 20/2.

"Uma contribuição ao estudo de harmônicas em sistemas de potência" (doutorado). Candidata: Francisca Aparecida de Camargo Pires. Orientador: professor José Carlos de Oliveira. Data: 22/2.

"Estudos sobre métodos de decomposição via dualidade na resolução de problemas lineares dinâmicos" (doutorado). Candidata: Maria Amélia Biagio. Orientador: professor Secundino Soares Filho. Data: 22/2.

Humanas

"Para além das dicotomias entre explicação/compreensão, ciências da natureza e ciências do espírito: Notas sobre o conceito de interpretação em Freud" (mestrado). Candidata: Sandra Bassi. Orientador: professor Osmyr Faria Gabbi Júnior. Data: 21/2.

Na era da guerra tecnológica

Deve a ciência colocar-se a serviço da pesquisa para fins bélicos?

Os violentos bombardeios sobre o Iraque, a ação do míssil *Patriot* e o uso de satélites para o levantamento de alvos inimigos — recentemente vistos na guerra do Golfo Pérsico — constituem, hoje, algumas das mais precisas demonstrações do emprego da ciência na tecnologia bélica. Será que os resultados de criteriosas pesquisas devem ser colocados a serviço das indústrias de armamentos? Representantes da comunidade científica da Unicamp, em sua maioria, acreditam que não, embora admitam o seu uso em casos de autodefesa.

As guerras têm marcado as páginas mais cruéis da história da humanidade. Foram cerca de 15 mil nos últimos cinco mil anos. Estatísticas recentes apontam para 366 o número de conflitos armados no período de 1740 a 1974, entre os mais sangrentos. A violência da II Guerra Mundial despertou a consciência dos homens para a necessidade de conquista de uma paz duradoura: a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) surgiu a princípio como a solução para o problema.

Gaston Bouthoul, cientista social francês, idealizou em 1945 a disciplina de polemologia (do grego *polemos*, guerra) para o estudo da paz e dos conflitos. Pensadores e cientistas de modo geral têm-se manifestado contra o excesso de investimentos em tecnologia bélica. O psicólogo americano Carl Rogers, fundador de uma das mais importantes artérias dessa ciência, a terapia centrada na própria pessoa, acredita que se os homens investissem na pesquisa do comportamento humano as cifras que aplicam em pesquisas bélicas, seria desnecessária a produção de armas.

O físico Albert Einstein, autor da teoria da relatividade, saiu pelo mundo pregando a paz, depois de assistir com pesar às cenas degradantes provocadas pela bomba atômica, que ele próprio ajudou a construir e que foi atirada contra Hiroshima e Nagasaki, em 1945, pelos Estados Unidos. "Não é suficiente que você entenda de aplicação da ciência, quando o seu trabalho pode ampliar as bênçãos humanas. No que se refere ao próprio homem e ao seu destino é necessário desenvolver o interesse principal de todos os esforços técnicos concernentes à solução dos grandes problemas de organização do trabalho e de distribuição de renda — de modo que as criações de nossas mentes sejam uma bênção e não uma desgraça para a humanidade. Nunca se esqueça disso no meio de seus diagramas e equações", dizia Einstein.

Apesar de todo o esforço desses cientistas, dos políticos e integrantes de movimentos pacifistas que eclodiram em várias partes do mundo, 71 conflitos armados foram deflagrados após 1945, sem incluir a sangrenta batalha entre o Iraque e a coligação liderada pelos Estados Unidos, iniciada em janeiro passado. A ONU, idealizada com o objetivo de promover a justiça entre as nações não tem força para impor suas decisões. Países como os EUA e a URSS buscaram a garantia da paz através da corrida armamentista. O arsenal bélico armazenado por essas nações é capaz de destruir várias vezes o planeta.

Plataforma de lançamento do míssil* Patriot*: a ciência a serviço da guerra.

Na Unicamp, há quem discorde das cifras que o país vem destinando ao incremento de suas pesquisas bélicas. "Curiosamente, o Brasil aplica quase 20% de seu orçamento reservado à pesquisa e desenvolvimento (P&D), na área militar", observa Renato Dagnino, professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências (IG) da Universidade.

Segundo Dagnino, os Estados Unidos chegaram ao extremo de investir na última década 50% de seu orçamento de P&D público na área militar. "Se juntarmos esse número aos 15% que são destinados ao segmento aeroespacial, em pesquisas nucleares, a cifra esbarra nos 85%. Isso significa que as outras necessidades da nação americana como agricultura, educação e saúde, recebem apenas 15% do orçamento de P&D daquele país".

No entanto, pesa ainda nesse contexto o fato de que, ao contrário dos EUA, o Brasil não tem nenhum inimigo ou conflito potencial, pelo menos reconhecido pela maioria de sua sociedade. Portanto, o país não pode orgulhar-se de uma postura pacifista e inteligente no que se refere à alocação de recursos para a pesquisa e o desenvolvimento, reafirma Dagnino.

Liderança econômica

Victor Baranauskas, chefe do Departamento de Semicondutores, Instrumentos e Fotônica da Faculdade de Engenharia Elétrica, é contrário à utilização dos resultados de experimentos científicos para fins bélicos, exceto nos casos de autodefesa, quando os países mobilizam todos os recursos disponíveis. "Em vez de alocar investimentos para a produção de engenhos mortíferos, o Brasil poderia solucionar seus problemas de miséria, fome, desorganização, má distribuição de renda e principalmente de conhecimentos", sentencia o pesquisador.

Ele lembra que a história recente traz exemplos claros de que a ciência deve ser utilizada para evitar as guerras. Países como a União Soviética e os EUA, que investiram pesadamente em sua indústria militar, têm hoje graves problemas econômicos e sociais, incompatíveis com o seu grau de desenvolvimento tecnológico. Em contrapartida, nações como a Alemanha e o Japão (depois de derrotados militarmente), que canalizaram recursos para as aplicações de tecnologia comercial, em vez da militar, têm hoje uma respeitável liderança econômica mundial.

"Se os EUA, a URSS e o Iraque tivessem destinado igual investimento na criação e fortalecimento de suas universidades, certamente não teríamos os aviões com bombas como em videogames, pássaros cobertos de óleo cru, chuvas de mísseis ou outras imagens degradantes. Em vez disso, teríamos o prazer de assistir pelas TVs tridimensionais as primeiras viagens a Marte, o vôo dos pássaros brancos do Golfo ou os estudos arqueológicos de nossas origens na Mesopotâmia", acrescenta Baranauskas.

Da mesma forma, Dagnino se diz totalmente contrário à utilização dos resultados da pesquisa para fins militares, mas admite ser uma pessoa realista e que, portanto, se a sociedade brasileira, em função de seus imperativos de defesa, suas ameaças de conflito, decidir por uma guerra, a comunidade científica deve também submeter-se à nova situação. "É claro que eu tenha ainda a submeter-me, por critérios políticos e não éticos, à decisão da maioria da sociedade brasileira, que é a financiadora das pesquisas", afirma. Mas o pesquisador do IG lembra ainda que a comunidade científica, sem ter nenhum privilégio, merece participar dessas decisões.

Geraldo Lesbat Cavagnari, coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) da Unicamp, afirma que todo o país precisa de segurança, que não repousa necessariamente na força militar. Isso envolve, segundo ele, uma série de medidas e de ações que são desenvolvidas em outros campos das atividades nacionais: econômico e científico-tecnológico, por exemplo. "No campo militar, a segurança assume um aspecto mais significativo porque todo país age de forma independente em relação a outro, não havendo nenhum órgão supra-estatal capaz de fazer valer os direitos de Estado. Nas relações interestatais, a força é empregada em regime de livre concorrência. Se todos os meios falharem para a promoção ou garantia dos interesses de cada país esses poderão recorrer à guerra — em última instância —, que passa a ser um instrumento legítimo da política. Aí esse Estado necessita mobilizar todos os recursos disponíveis, inclusive a ciência", afirma Cavagnari.

Controle democrático

João Quartim de Moraes, professor de filosofia política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, afirma que não deseja preconizar o desarmamento unilateral: o Estado tem obrigação de defender seus cidadãos e não oferecer a outra face para o adversário esbofetear. Porém, isso não significa que o Brasil não deva ter nada além dos meios necessários à defesa da integridade de seu território, que é bastante grande.

"De qualquer forma, não se pode aceitar como ponto pacífico a militarização do país. Os próprios militares reconhecem, hoje, que uma nação de analfabetos, de miseráveis e subalimentados, desprovida de boas ferrovias e rodovias, e que não consegue sequer uma autodisciplina (avança-se até em sinal de trânsito), fica muito vulnerável. Para fortalecê-la é imprescindível investir maciçamente nas pessoas e em suas necessidades básicas", diz Quartim.

Ele acrescenta ainda que o mais importante nessa questão bélica é o seu controle democrático, assim como o da política militar do país. Isso pode ser feito através do presidente e do Congresso Nacional, ambos eleitos pelo voto direto. O país deve decidir o quanto de seu esforço será canalizado para o desenvolvimento dos meios militares de sua defesa. Atualmente, a ciência está sendo escandalosamente colocada a serviço da indústria bélica, a nível internacional.

"Nesse particular, causa revolta a utilização, pelos EUA, de sua máquina de destruição: uma coisa é estocar o material bélico para dissuadir o adversário, outra é usá-lo. A única nação que até hoje vem utilizando seus piores engenhos de destruição são os EUA, através da bomba atômica no Japão em 1945 e das armas químicas — por exemplo no Vietnã, ao longo de dez anos —, entre elas a bomba Napalm e os temidos desfolhantes, verdadeiro atentado à ecologia."

A questão ética

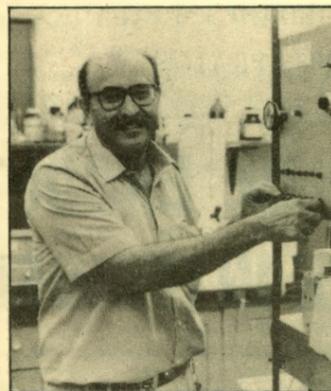
Representantes da comunidade científica da Unicamp concordam que tanto o pesquisador como a Universidade devem ter uma postura ética quanto à utilização dos resultados de suas pesquisas em tecnologia bélica. Mas, a maioria admite que em casos de conflito armado o cientista deve submeter-se à solução política, decidida pela sociedade. "Cabe ao pesquisador zelar conscientemente pela adequada utilização do fruto de seu trabalho. Fica, porém, a cargo da sociedade como um todo, que é, em princípio, a financiadora da universidade, a palavra final", diz Baranauskas. Ele sugere que a Unicamp promova discussões, congressos e crie cursos destinados ao estudo da paz. "A responsabilidade não deve ser apenas corporativista e sim dividida entre seus agentes", afirma.

Para o professor Aécio Pereira Chagas, do Departamento de Físico-química do Instituto de Química (IQ) da Unicamp, é difícil separar os experimentos que possam vir a ser empregados em armas maléficas, especialmente na área de química. E exemplifica: "Um cientista desse segmento, com ideais pacifistas, é às vezes surpreendido por colaborar de forma significativa para a produção de um gás de guerra. Quando desenvolve um intermediário de síntese orgânica, muito útil na indústria farmacêutica, mas que se mostrou igualmente interessante, mais tarde, para a produção de uma arma química, o pesquisador corre riscos. A indústria fabricante desse intermediário vende o produto para ambos os clientes e o químico nem fica sabendo", resume ele, culpando esses intermediários pelo mau uso da ciência.

Geraldo Cavagnari afirma que tanto o pesquisador como a universidade devem ter a sua ética, mas não podem esquecer-se de que fazem parte de uma realidade política, que implica no atendimento de algumas necessidades. E uma delas chama-se defesa. "O país tem de estar em condições de se defender de qualquer agressão externa. Nesse caso poderá ir à guerra, e se isso acontecer todos os recursos serão mobilizados, inclusive a pesquisa universitária. Aí, universidade e pesquisador deixam de atender à sua ética individual para submeterem-se aos interesses maiores, daqueles que sustentam a pesquisa, que são o Estado e a sociedade." **(L.C.V.)**

Victor Baranauskas: contra a produção de engenhos mortíferos.

Renato Dagnino: contra a utilização de pesquisas para fins militares.

Quartim de Moraes: investir primeiro nas necessidades básicas.

Aécio Chagas: o mau uso da ciência pode causar surpresas desagradáveis.

Geraldo Cavagnari: mobilizar todos os recursos, quando necessário.